

OS
PUPILLOS DO ESCRAVO

COMEDIA-DRAMA EM 3 ACTOS

ORIGINAL PORTUGUEZ

DE

F. P. da Costa Lima



RIO DE JANEIRO

TYP. IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE & C.

65, RUA DO OLVIDO, 65

1870

02
11-17

PERSONAGENS

—♦♦♦♦♦—

GENERAL SARAIVA.
ADRIANO, seu filho.
JULIO DE MENDONÇA.
JOSÉ MACHADO.
CABTANO, preto Africano escravo de Julio.
LOURENÇO CARVALHAES.
CORONEL FARIA.
MAJOR PLACIDO.
DESEMBARGADOR COITINHO.
MOSCOSO.
TRINDADE, agente da policia secreta.
FRENTEL, mestre de desenho.
LARA, irmã de Julio.
HELENA, filha do General.
D. GUILHERMINA, irmã de Machado.
D. JULIA.
1º Convidado.
2º Dito.
Um criado.
Officiaes de policia secreta.
Loló, menino de 10 a 11 annos.

—

Passa-se no Brazil. — Rio de Janeiro. — Actualidade.

OS PUPILLOS DO ESCRAVO

ACTO I

A sala modestamente mobiliada em 22 de Julio: portas ao fundo e á direita. A' esquerda, primeiro plano, uma janella que dá para a rua, seguindo-se uma porta que leva ao interior. Na parede, do mesmo lado, um retrato a oleo que representa um homem de 48 a 50 annos. Ao fundo um aparador com relógio e duas cisternas com lanternas de vidro. A' direita uma sofá e poltronas, diante, uma mesa redonda contendo alguns livros, papéis, o Escrivão para escrever e um retrato a lapis.

SCENA I

LAURA E PIMENTEL

Laura (*sentando-se á mesa da direita acabando os contornos de um retrato a lapis, Pimentel de pé*). — Então que lho parece? Agita que poderá passar?

Pimentel. — Perfeitamente, minha senhora, V. Ex. é uma das discipulas que mais honram o mestre.

Laura. — O Sr. Pimentel além de indulgente é tambem lisonjeiro?

Pimentel. — Não ha lisonja no que disse; apenas a verdade sincera.

Laurã. — Pois é crível que não haja neste desenho algum defeitinho? Apesar de toda a sua amehillado não me fará persuadir de que sou já uma artista perfeita.

Pimentel. — Tanto não dirá, mas que é com certeza uma discipula distinta e intelligente, isso assegura-lh'o eu, o tanto que tomo a liberdade de dar por concluida a minha tarefa fazendo-lhe as minhas despedidas. V. Ex. d'ora em diante não precisa das minhas lições.

Laura. — Ora ali está! São todos assim. O meu professor de musica tambem se despedio sob o mesmo pretexto, deixando-me incapaz de executar uma peça correctamente.

Pimentel. — Cuidado, Sra. D. Laura.... tanta modestia pôde degenerar em muito amor proprio. V. Ex já uma vez me deu a honra de ouvir-a na sala do General Sariva, e se não sou competente, eram-n'o pelo menos grande parte dos que a ouviram e como eu a felicitaram.

Laura. — E julga que acredito n'esses cumprimentos filhos da moda eu da lisonja?

Pimentel. — Oh! minha senhora....

Laura. — Desculpe-me, Sr. Pimentel. No Sr. acredito; sei que é sincero por convicção e franco por costume.... mas, apesar de muito nova e pouco experiente, sei que nem todos são assim. Não ha muito tempo que em um concerto de caridade, aonde fui cantar com outras senhoras, aconteceu-me ser felicitada pelo desempenho da *aria da Olympe*, e depois lendo os jornoes vi que diziam mal os mesmos que me haviam feito grandes elogios.

Pimentel. — Então que quer, minha senhora?... são cousas cá d'oste mundo. Ah! se a arte não tivesse d'esses *bocadinhos* amargos, não haveria nada melhor. E depois, note V. Ex. que muitas vezes os que mais gritam são os que menos produzem cousa que preste. Ha muito d'isso.... infelizmente.

Laura (*dando-lhe um bilhete de visita*). — Então sempre é verdade que me deixa?

Pimentel (*guardando o bilhete*). — Sim, minha senhora, este bilhete será o ultimo. Ha de visitá-la, se m'o permitir, como amigo; como mestre já disse a V. Ex. que não tenho aqui que fazer. Além de que, ha para mim um ponto melindroso e de muito respeito que me não atreveria a violar.

Laura. — Qual?

Pimentel. — É que as lições que lhe dou são-me pagas por

alguem, que tomou a si uma missão tão cheia de sagacidade, que seria um crime imperdoável se ou continuasse a receber o preço de um trabalho que, a contar de hoje, lhe seria inútil.

Laura. — Falia de Caetano?

Pimentel. — Sim, minha senhora, fallo d'esse escravo, ou antes, d'esse homem sugeireiro na sua raça, de quem V. Ex. já te o a bondade de me contar a interessante historia.

Laura. — Pois olhe, bem pôde retirar-se antes que elle o veja, porque se chega o sabe que o senhor se despede, terá de lhe aturar supplicas para que o não faça.

Pimentel. — N'esse caso retiro-me já. Não fica mal comigo, não?

Laura. — Promette ver-nos a miudo?

Pimentel. — Como amigo, prometto.

Laura. — Até breve?

Pimentel. — Até breve. (*Comprimenta, vai a sair e encolhe-se á porta do fundo com Julio e Adriano.*)

Julio. — Então já?

Pimentel. — Não tenho mais que ensinar-lhe. Ah! lhe deixo a professora.

Julio (*apertando-lhe a mão*). — A gloria é do mestre.

Pimentel. — E da discipula tambem. (*Vai-se depois de saudar dous.*)

SCENA II

JULIO, ADRIANO E LAURA.

Julio. — Aqui tens o teu poeta que vem cumprir a sua promessa.

Laura. — Ah! (*comprimentando*.) E' de palavra Sr. Saraiva.

Adriano. — Estava em divida com V. Ex. e não quero que me accuse de máo pagador. (*Entregando-lhe um papel*.) Havia-lhe promettido uma poesia para o seu album... aqui está, minha senhora... O autor pede indulgencia para os muitos defectos, que só podem ser remedidos pelo talento da leitora a quem é dedicada.

Laura (*lendo*). — « Sonhos de ouro? » Bonito titulo.

Adriano. — Ha titulos que não valem a obra, diz não sei que autor... Se essa está no caso V. Ex. o dirá.

Laura (com amabilidade). — Se é para occultar o seu incontestavel merecimento que se serve desse véo de modestia, repare que o está exaltando sem dar por isso. O verdadeiro talento é como o sol, brilha por si, e se uma nuvem tenta por alguns momentos offuscar-lhe o claro é para depois o deixar reaparecer cheio do todo o esplendor.

Adriano. — Mas, minha senhora.... eu estou longa de....

Julio (rindo). — Andá lá.... metto-te com ella....

Laura. — Se me permite vou ler — com muita attenção — a sua poesia, destinado a honrar a primeira folha do meu album; estou certa do que voltarei mais autorizada para confirmar o que acabei de dizer-lhe.

Adriano. — Lcia, minha senhora.... E' a imagem da felicidade como eu a sonhei, sonhos que bem pedião realizar-se, um dia se....

Laura (depois de comprimentar encantinha-se para a direita lendo uma das estrophes.

a Semelhando-me á rosa, procuro um bafejo
a que a curta existencia me possa suster;
e Semelha-te tu ao orvalho da noite....
e a rosa não deixa tomba e morrer. »

(A parte já quasi a entrar:) Ah!... a rosa é elle, o eu....
(repetindo o ultimo verso:) « E a rosa não deixes tomba e morrer! (Vai-se.)

Adriano (á parte). — E' um anjo.

SCENA III

JULIO E ADRIANO.

Julio. — Estamos sós. Dissoste que querias fallar-me.... (sentando-se e offercendo cadeira a Adriano) estou ás tuas ordens.

Adriano. — Sem preambulos. Tu sabes, meu amigo, uão que eu t'o disseste, mas já deves ter adivinhado que amo tua irmã ?

Julio. — Tinha minhas desconfianças, mas ao certo não o sabia.

Adriano. — Pois amo e muito. Acostumado desde pequeno aos seus carinhos, ás suas meiguices, de tal sorte minh'alma se

tem identificada com a sua, que, ou eu me engano, ou nascemos um para o outro. Tenho pensado, e todos os meus raciocínios convergem ao mesmo fim—o casamento. Venho portanto, confiado na tua amizade, pedir-te a mão de tua irmã. Não venho oferecer-lhe os bens de fortuna de que ella é digna, mas offereço-lhe em troca a felicidade que vem do coração, que só viverá por ella e para elle.

Julio. — Nunca duvidei da pureza dos teus sentimentos, e não tive a certeza do teu caracter leal e sincero; bastaria-me esta prova para dissipar qualquer receio. A datur deste momento, não podes atariar a immensa gratidão de que me fizeste devedor; mas o pedido que me fazes é para mim tão delicado e de tanta proponderancia, que não poderei decidir-me sem consultar as pessoas interessadas.

Adriano. — E quem são?

Julio. — Primeiro ella... depois teu pai...

Adriano. — Por esse respondo eu; é muito meu amigo para se oppôr á minha vontade, e até quo o é também, e muito, teu pai e de tua irmã.

Julio. — Pois é por isso mesmo que não devo atropelá-lo abusando da sua amizade.

Adriano. — Não percebo.

Julio. — Vais perceber. Teu pai, muito conhecido em todo o Imperio, já pelo seu caracter honrado, já pela sua olhada poética, tem necessariamente, como todos nós, que proster minuciosas contas do seu proceder á sociedade que o rodeia; elle ainda mais que eu, por isso que vive n'outra esphera. Laura, conhecida pela modesta pupilla do velho Africano, e apesar de um comportamento até hoje irreprehensivel, não passa da linha de um staples—actor—que vive do theatro e do publico. Ora, em uma terra como a nossa, aonde a civilisação não pôde ainda atingir o lugar que lhe está reservado na communhão do progresso, aonde o artista o a sua prolo são, por ora, olhados do revez por certa gente de quem a importancia aristocratica fóra passada pela creavõra moneturia, seria ridicula, senão caricata, semelhante união. Expôr o teu, o nome respitado do teu pai aos motejas desses ociosos, é o que eu não quero, nem devo consentir, pelo menos sem que elle approve o teu desejo.

Adriano. — Comprehando os teus escrúpulos... mas por esse lado estou perfeitamente descansado.

Julio. — Antes d'elle, porém, ha outra pessoa a quem devo tambem consultar.

Adriano. — Além de tua irmã... quem?

Julio. — Cactano.

Adriano. — Consultar o teu escravo?!...

Julio. — Não consulto o escravo, mas o amigo. Sabes que Cactano, morto meu pai, tomando a si o encargo de criar e educar os dous orphãos que ficaram sem outro amparo, tomou sido incansavel em cumprir a promessa que fez de nunca nos abandonar. O que somos a elle o devemos. Enquanto pequenos, trabalhava elle dia e noite para acudir ás precisões da nossa educação... o hoje mesmo que já estamos isentos d'essas necessidades, apesar da sua idade avançada, trabalha ainda e com a mesma vontade. Não é um escravo, é o amigo dedicado, o protector da nossa infancia. Para elle somos os seus filhos, como diz muitas vezes: a honra que seu velloo senhor lhe deixára. Casar pois a filha sem consultar o pai, além de ser injusto era ingrattido. (*Diz estas ultimas palavras quasi a vir.*)

Adriano. — Pois sim... convenho... é justo. (*Rindo tambem.*) Consulta lá o pai da rapinha futura.

Julio. — Quanto a minha irmã, sei que não me farias semelhante proposta se não tivesseas a certeza do seu assentimento?

Adriano. — Nunca tive occasião de lhe fallar a tal respeito, mas confio em que não recusará.

Julio. — Tambem o creio.

Adriano. — No entretanto, interroga-a o salerão.

Julio. — O papel não é muito lisongoiro, mas eu sim, já q's tenho representado tanta vez no genero que não estranho.

Adriano (*levantando-se*). — Conto comtigo?

Julio. — Conta; vou fallar-lhe.

Adriano (*apertando-lhe a mão*). — Obrigado. Voltarei mais tarde para saber a resposta. (*Vai-se pelo fundo.*)

SCENA IV

JULIO, st.

Excellente rapaz... como este ha poucos. Emfim... se o pai se não oppuzer vai realizar-se o meu sonho de todos os dias... Casar

minha irmã, garantí-lho um futuro e uma posição, assegurar-lho a felicidade que tanto merece unido-a ao filho do meu melhor amigo... (suspendendo-se) a felicidade?! (pausa) E se elles um diaoubassem, se suspeitassem essa falta que me pesa na consciencia, essa leviandade que tantos remorsos me tem custado, não iria a minha vergonha perturbar-lhes a tranquillidade domestica?! So José Machado, unico sabedor do meu segredo, o revelasse um dia, poderia a rehabilitar-me aos olhos de minha irmã, de Cactano, do Gonçalo... de todos enfim? Ah! que se o primeiro erro da mocidade pudesse ser apagado da memoria pelas lagrimas do remorso!... Não posso!... As lagrimas dizem — arrependimento, mas não purificam a culpa. (Vai sentar-se á esquerda e fica pensativo.)

SCENA V

JULIO e LAURA.

Laura. — Já se foi o Adriano?

Julio. — Já; prometteu voltar d'aqui a pouco.

Laura. — É lindissima... (com intenção) e de um bello effeito poesia que me offoreceu. Vinha dar-lho os parabens.

Julio. — Antes t'os vou eu dar a ti.

Laura. — Do que?

Julio. — Adriano fallou-me em um assumpto que te diz respeito.

Laura (á parte). — Ah!... (alto.) Que me diz respeito?

Julio. — Sim, adivinha.

Laura (pensando um momento). — Não posso adivinhar.

Julio. — Dissimulada!... Veio pedir-to em casamento.

Laura (á parte). — Deus ouviu-mo! (alto) E respondeu-lhe?...

Julio. — Quo te consultaria.

Laura (vivamente com simplicidade). — Oha, eu qudro.

Julio. — Pudera...

Laura. — São tão elegantes os seus versos... p'is não são?

Julio. — Ora, e até de muito bom effeito... (Olhando para o relógio.) Duas horas e Cactano sem voltar!...

Laura. — Mandaste-l'o a alguma parte?

Julio. — Quando sahio esta manhã, disse-lhe que fesse á casa

do José Machado entregar uma carta que lhe dei e voltasse com a resposta antes da uma hora. Já são duas e....

Laura. — Tens algum negocio com o José Machado?

Julio (*estremecendo quasi instintivamente*). — Negocio... nenhum... (*à parte*.) Suspeitára ella!... (*alto*) Porquo me fazes essa pergunta?

Laura. — É porquo vejo-o fazer-to amiludadas visitas... não para a necessidade de me dirigir galanteios sempre que aqui vem... (*Enquanto Julio vai á janella observar, à parte*.) So soubesse que até se tem atrevido a escrever-me cartas que não lio, mas que supponho amorosas...

Julio (*à parte*). — Ainda o não vejo! o tempo passa, e tenho medo que... (*alto*) Escrevi-lha... pedindo-lhe para elle se empenhar em fazer de... de um rapaz mou conhecido... que quer empregar-se nos camilhões do ferro... Como o Machado foi meu companheiro na casa do Sr. Corvalhaes, meu eis patrão, o a irmã delle é casada com o ex-director... (*à parte*) Muito custa mentir a proposito! (*Volta para a janella.*)

Laura. — Pois não tinhas outras pessoas de mais intimidade a quem pedir?

Julio. — Ah! sim... tinha... mas como foi meu companheiro e é parente do director... (*observando*) Com effeito!... Caetano demora-se mais que de costume!...

Laura. — Tens que esperar... não o viste sahir vestido com a tua casaca velha?

Julio. — É verdade, o pobre velho principia a malucar!... deu-lho a mania para sahir de casaca! Diz que é para se fazer respeitar dos moleques... mas, coitado!... succede-lhe justamente o contrario... os moleques perseguem-n'o! É a fallar a verdade, quem vir aquelle figura de casaca preta, calça de riscado, chapéo alto e com um feixe de vassouras ás costas, ha de rir por força. Outro dia encontrei-o neste bello estado e confessa que não pode sustor numa gargalhada quando me veio pedir a benção com aquelle ar de importancia que me fez lembrar um Rei Congo entre os seus vassallos.

Laura. — Pobre Caetano! A idade faz-o rufuento, mas é tão nosso amigo! Tenho tanto dô quando o vejo trabalhar até alta noite no fabrico das suas escovas e vassouras que vai vender apenas rompe o dia!... A's vezes diga-lhe: — para que te metas tanto a trabalhar, Caetano?... isso faz-te mal! — Responde sempre que eston sol-

taira e não tenho ainda um dote. (Julio tem ouvido da cabeça batida como que envergonhado de si. Ouve-se fóra muitas vezes, gritos, sobresahindo entre todas a voz de Caetano que grita:)

Caetano (ainda fóra). — Lárga!... lárga!... moleque! (andando)

Julio. — Que é isto! (Anda á janella) Então, que dizia eu? São os moleques que estão agarrados á casaca de Caetano! (reparando) Lá lhe arrancaram uma aba!...

Caetano (d' porta do fundo fallando para fóra). — Oia, eu quebra a cabeça di um, c'o pá di vassoura!... Abri filho!... (Entra. Traz vestida casaca preta, calça de riscado, chapéo alto. Digno de si pendurado ao pescoço um grande cartão com cecovas, pentes, miangas e outros objectos proprios de vendelhão ambulante. No braço, também pendurados, alguns espanadores de penas; de costas um feixo de vassouras com os competentes cabos. A casaca vem sem uma aba)

SCENA VI

OS MESMOS E CARTANO.

Julio — Que foi isso, homem?!

Caetano — Quo hadi ser, seu meço!... é moleque di rua que quer frutar mia cansaca!... esse canalha! Por isso branco diz qui negro nó tom verigonhá!...

Julio — Que te tenho eu dito?!.. Tu assim o queres....

Laura. — Ah! tens o resultado da tua mania!... queres por força figurar de casaca!...

Caetano. — Ui!... sinhazinha.... canzaca de pai Caetano nó faz mal a ninguém.... moleque é que é atrevido em mexer c'o gonto qui vai a sua caminho.

Julio. — Mas que te fizeram elles?

Caetano — Caetano chengou na tua c'o cáliga, c'o canzaca, c'o vassoura, c'o tudo.... Gritou como costuma gritar:

Oia vassoura, quem compra vassoura,
pento di chifre têm bom qui não ha;
Meuva di graxa, miangas di negra
tudo acanulado p' tu mão di sinhá!...
Oia vassoura, quem compra vassoura!...

Quando eu gritou moleque chengou, juntou em roda di mim! Pac Caetano tem d'ho mas no vio quando moleque aguarram aba di canzaca... puchou!... arancou!... anito é qui eu gritou!... (aos dois pellado a bencê) Bença, ouu sinhô... bença, sinhazinha?...

Laura. — Deos te abençõe, e te livre das moleques.

Caetano. — Ha de livrar qaando eu quebrar a cabeça di um c'o pão de vassoura (Laura entra d' direita.)

Julio. — Entregaste a minha carta?

Caetano. — Entregou, sim meu sinhô.

Julio. — É a resposta?

Caetano. — Seu Zé Machado disse que vinha cá falar c'o seu m'ço.

Julio. — É para isso demoraste-lo tanto tempo, homem?

Caetano. — Pai Caetano hoje vendeu pouco... nengôgo nê está bom!... Guerra di Paraguay levou tudo o dinheiro!... Cambio di praça 'stá a dez-to e tres quártilos!...

Julio (sorrindo). — Ah! tu já entendes de cambio?...

Caetano. — Uê!... Anito pai Caetano no é negociante d' vassoura? ..

Julio. — Está bom, vai tirar essa casaca o vê lá se tornas a sahir com ella á rua.

Caetano. — Já vou, seu m'ço, deixa primeiro sinhô vê si conta di nengôgo catá cêrita.

Laura (sentando e dando-lhe uma jaleca). — Toma, veste isto.

Julio. — Quando vier o Sr. José Machado chama-me immediatamente. (Vai-se d' direita, Caetano entra d' esquerda para vestir a jaleca enquanto Laura arranja o necessario para escrever.)

SCENA VII

CAETANO e LAURA.

Caetano (tem deixado dentro as vassouras, espanadores, etc., acubando de vestir a jaleca). — Prompto.

Laura (sentada á mesa e Caetano de pé). — Vamos lá... que vendeste?

Caetano. — Cinco vassouras... a dozo vintem...

Laura (escrevendo). — Nil e duzentos...

Caetano. — Mil e duzentos não, sinhã; são dez tostão, meia pataca e dois vintem.

Laura. — Pois sim, tudo isso faz mil e duzentos réis.

Caetano. — Nogue não sabe conta di branco, só sabe conta di pataca.

Laura (continuando). — Que mais?

Caetano. — Tres pentos a cinco tostão.... (contando pelos dedos) pataca e meia e'o pataca o meio, faz tres pataca.... e'o pataca e meia e tres vintem.... faz dez tostão, patacã e meia e vintem. Escreve, sinhã.

Laura. — Mil e quinhentos; adiante.

Caetano. — Dois espanador a quatro pataca....

Laura. — Dois mil quinhentos o sessenta....

Caetano. — Duas vassoura pequenos.... uma pataca.

Laura (escrevendo). — É só?

Caetano. — Só, sinhã. Nengoco está máo.

Laura (depois de somar). — Muito bem. Somma tudo: cinco mil quinhentos e vinte.

Caetano (verificando o dinheiro). — Cinco mil réis.... pataca e meia e dois vintem. Está certo: Branco não enganou (guardando o dinheiro.) Muito obrigado, sinhã. (Laura levanta-se e vai a retirar-se.) Ah! é verdade, ou traz chita p'la sinhã. (Entregando-lhe uma carta.)

Laura. — Uma carta?... de quem?

Caetano. — Foi seu Zé Machado que me deu p'ra entregar a sinhã.

Laura (raçando). — Ahi tens a resposta. Já to disse que não aceitasses cartas nem recados d'esse homem. Perdô-lo ainda por esta vez, mas para outra digo tudo a teu senhor.

Caetano (estupefacto). — Ué! p'lu que, sinhã?! Quo foi quo esse branco mandou dizer no papel?

Laura. — O que não deves saber: quero poupar-to a vergonha da figura ridicula quo tens feito.

Caetano (cada vez mais admirado). — Figura ridicula qui.... Quo figura antião qui ou fez, sinhã?!..

Laura. — Fizeram de ti um correio d'amores.

Caetano (sem perceber). — Corredo di mores?... É esse branco qui anda a cavallo atrás di ministro?

Laura. — Não é isso. Não viste ontro dia, n'aquella poça em,

que teu senhor m'ôgo representou, aquelle sujeito que lho levava es cartas?

Caetano. — Ah! o... o... agora é que eu entendeu!... Foi aquelle a quem o outro branco chamou mercureo?

Laura. — Mercureio... é isso mesmo.

Caetano. — Anão pai Caetano é mercureo, sinhá?

Laura. — Pergunta-o ao Sr. José Machado.

Caetano. — Que branco velhaco!... por isso elle me dizou que mi dava canzaca preta?!.. (*Offendido*) deixa elle c'o eu, sinhá... vossumcê hadim v'ô como elle mi paga!

Laura. — O que está feito não tem remediô, mas para o futuro sabes o que deves fazer, senão.... (*Fui-se para a direita.*)

SCENA VIII

CARTANO E DEPOIS MACHADO

Caetano (só). — Que branco velhaco!... não tem vergonha! Tá arranjado!... Sinhá sake o que faz e pai Caetano nó é cego.

Machado (á porta do fundo). — O Sr. Júlio de Mendonça, está?

Caetano (d parte). — Illo ahí vem; nós agora vai ajustá conta. (*Alto acoustuando as palcuras*) Está, sim sinhô.

Machado. — Ah! és tu, velhaco? Então... então?

Caetano (formalizado). — O' seu m'ôgo... que negocio foi esse di carita qui vossumcê mi deu p'la entregar a sinhá?...

Machado (vivamente). — Ah! entregosto-lh'a?

Caetano. — Entregou, sim sinhô... oia!... ahí está resposta!... (*Apontando para os fragmentos da carta vagada por Laura.*)

Machado (d parte). — Ah! rasgou-a? não importa, eu a abrandarei.

Caetano (com certa dignidade). — Vossumcê cuida que pai Caetano é mercureo?!

Machado. — Não entendo o que queres dizer.

Caetano (como acima). — Pensou qui ou era moleque di chiri, quiqui, chiri, qui, qui?!... 'Está enganado!... Pai Caetano é negro, é escravo, mas tem sentimento!... O escravo é muito

humilde p'los branco; mas Castano nasceu n'Africa, e lá é terra di tigré!... Abre os olhos, seu Zé Machado!... (Isto é dito em tom de ameaça. Vai-se para a direita olhando de reves para Machado.)

SCENA IZ

MACHADO E DEPOIS JULIO

Machado (só, olhando para o lado por onde sahio Castano).— Talvez ainda te arropendas d'essa ameaça!... (Rindo.) Ah! ah! o mundo está perdido.... Até este pobre diabo falla em sentimentos. (Olhando para os pedaços da carta e continuando a vir) Não tem duvida, é mais algum dinheiro gasto e alguma paciência perdida. A questão é de tempo; essa altivez ha de passar-lhe, Sra. D. Laura. O grande ponto é ucclar-lhe na corda sensivel; feito isto, o resto é facil. Se resistir aos meus rogos, não resistirá ás minhas ofertas... e quando não seja bastante tenho outros recursos mais energicos de que lançarei mão se tanto fôr necessario. Uma vez lavado ao extremo, adeos orgulho!... Ou has de ceder para evitar o descredito do teu irmão e a perda d'esse escravo que tanto estimam, ou... (reparando para a direita) Elle ahí vem.

Julio (que vem da direita).— Espero que desculpe, Sr. Machado, de o ter feito esperar tanto tempo.

Machado.— Ora (usa, Sr. Julio... sou eu que devo pedir desculpa porque venho talvez incomodá-lo; mas o objecto do que se trata exige tal discricção da minha parte que preferi vir a escrever.

Julio (convidando-o a sentar-se).— Obrigado. (sentando-se tambem) Tomei a liberdade de escrever-lhe, Sr. Machado, porque não podendo eu nesta occasião satisfazer ás condições a que me obriguei por escriptura de pagar-lhe amanhã o dinheiro que teve a bondade de emprestar-me tão desinteressadamente em um momento de grande afflicção, favor que nunca esqueçerei, entendi que era meu dever apressar-me em dar-lhe explicações.

Machado.— Explicações que não exijo e qua são filhas da extrema delicadeza do Sr. Julio de Mendonça.

Julio.— Não, Sr. Machado, diga antes do devedor agradecido, que encontrou na sua generosidade e no seu cavalherismo

os meios de evitar as consequencias vergonhosas do primeiro e unico erro da sua vida.

Machado. — Effectivamente, custava-me tanto ver manchada a memoria de seu honrado pai, de quem fui calceiro no tempo da sua prosperidade, que me dol por feliz em achar occasião do poder significar ao filho a muita gratidão que lhe devia. Eu sou assim. Dotado de uma certa sensibilidade, repugnam-me sempre os vexames alheios. O Sr. Julio não era só filho do homem a quem todos respeitavam em quanto vivo, era tambem meu companheiro na casa que ambos servimos, e todas essas considerações moraram-me em seu favor. Se eu lhe não emprestasse aquella quantia que seria do senhor? E depois, sua irmã, cunhadinha, uma moçua nova e inexperiente, ficaria exposta a todos os perigos, se com offeito o meu amigo louvasse ao fim a loucura que teve de querer suicidar-se!

Julio. — É ainda mais por ella que por mim, que não cessarei de renovar os meus agradecimentos.

Machado (d' parte). — Bom, o negocio não está tão mal figurado como eu suppunha.

Julio. — Dizia pois, Sr. Machado, que não me sendo possível pagar amanhã conforme convencionei com V. S., pedia por ultimo favor a espera de mais algum tempo, até que eu effectue o meu beneficio do contracto. Tom sido tão bondoso para comigo que estou certo da sua condescendencia.

Machado. — Cautava com isso o vira prevenido. Que tempo lhe será preciso que eu espero?

Julio. — Dois meses será sufficiente.

Machado. — D'accordo. Aqui tem o meu amigo esta lettrinha da quantia de um conto e quinhentos mil réis, que terá a bondade de assignar por esse prazo. (*Apresentando-lhe uma letra e depois a hypotheca.*) Aqui está a hypotheca que contém já a declaração de que o Sr. Julio de Mendonça me passa n'esta data uma letra da importancia n'ella contida, a vencer em?... (*indo d' mesa escrever na letra.*) 29 de Agosto de 1863. (*Entregando a penna a Julio*) A hypotheca fica em meu poder e servir-me-ha de endossante. Não que eu desconfio do Sr. Julio, mas bem sabe que ha morrer a viver, e em negocios não devo estranhar que eu anteponha toda a segurança, se bem que o meu fim principal é servir-o em tudo, procurando assim estreitar a amizade que nos liga. Queira assignar.

Julio. — Perdão. Não devo abusar por mais tempo da sua

Nota - a

generosidade. Como não pagui no prazo convencionado, é justo que seja incluído na letra o juro até o seu vencimento.

Machado. — Juro?!... juro de que?... Pois não lho disse já que sou dotado de uma certa sensibilidade?

Julio (indo assignar). — Ah! Sr. Machado, é realmente levar muito longo o seu desinteresse. Não sei como lho hei de pagar...

Machado (à parte). — Elle me pagará, deixa estar. Oh! os meios não falham, estou certo d'isso.

Julio (entregando-lhe a letra assignada). — Eis-aqui a letra assignada. Não imagina a má noite que passei com receio do que não pudesse obter espera...

Machado (guardando a letra). — Receio? Duvidava então do mim?

Julio. — Nunca duvidei da sua bondade, mas bem sabe que quem devo, temo.

Machado. — Lá isso é verdade.

Julio. — Agora espero que continuará a guardar o mesmo segredo que até aqui. Que ninguém suspeite o motivo que me fez seu devedor.

Machado. — Confie em mim. Para assegurar-lhe a minha discrição bastará lembrar-se de que fui seu collega e sou deveras seu amigo.

Julio. — Bem. Fico portanto descansando, convicto da sua estima, e na esperança de que um dia possa mostrar-lhe o quanto lhe sou agradecido.

Machado. — Ora adeos... adeos... não fallemos n'isso... A's suas ordens. *(à parte indo a sair)* Estás preso como a mosca na teia! *(alto voltando a Julio)* Olha lá... se no dia do vencimento não lhe fór possível... tudo se arranjará da melhor forma. *(Vai a sair e encontra-se à porta do fundo com Adriano. Julio vai à porta da direita fallar baixo a Castano que lhe apparece.)*

Julio (encaminhando-se para a direita e à parte). — Estou mais socogado.

Machado (ao fundo). — Oh!... por aqui tambem, Sr. Adriano Saraira!

Adriano. — É verdade. Porque se admira o senhor?

Machado (com intenção). — Por nada.... por nada.... *(indo, à parte)* Tantos pobres a uma potta...! algum ha de ficar sem.... *(continúa a rir.)*

Adriano (*muito serio*). — De que ri o Sr. Machado? ...
Machado (*rindo sempre*). — Do... coisas... coisas... Passe muito bem.

Adriano (*seguinto-o com a vista e á parte*). — Insolente!...

Julio (*o Caetano*). — Dize-lho quo pódo vir; elle já se foi.

Caetano (*sahindo, á parte*). — Blanco velhaco!...

SCENA X

ADRIANO, JULIO, DEPOIS LAURA E CAETANO.

Adriano. — D'onde te veio o conhecimento com este homem?

Julio. — Pois não sabes quo foi meu companheiro na casa do Carvalhaos?

Adriano. — É verdade... já me não lembrava. Antipathico fortemente com este cavalheiro... indefinido.

Julio. — Mas elle vai á tua casa.

Adriano. — Bem contra minha vontade. Meu pai, chivo de boa fé, admitta em casa qualquer individuo que lhe seja apresentado, sem se lhe importar com as procedencias... Dous quicra que não venha a arrepende-se dessa facilidade.

Laura (*citado seguida de Caetano*). — Já de volta, Sr. autor?

Adriano (*indo a ella*). — Sim, minha senhora, só aqui me sinto á vontade; respira-se um ar mais suave. (*Conversa baixo.*)

Caetano (*baixo a Julio*). — Sen moço, Adriano vai ser noivo de sinhã... Eu queri cenzaca prota p'lo dia de canzamento.

Julio (*o mesmo*). — Ah! já sabes!

Caetano (*o mesmo*). — Sinhã mo contou.

Adriano. — Lau os meus versos?

Laura. — Li, e quasi que os fol do cór.

Adriano. — Comprehendeu-as?

Laura. — Compreendi... aqui está a minha resposta. (*Estende-lhe a mão.*)

Adriano (*beijando-lh'a*). — Obrigado, Laura.

Caetano (*á parte*). — Esse banguço de beijar mão é que não é bom; caza primero, e depois póde beijar á sua vontade.

Adriano (*a Julio*). — Meu amigo, por aqui estou despachado.

Julio. — Agora este. Dizo lá, Caetano, é de teu gosto que tua senhora case com o Sr. Adriano?

Caetano (depois de pensar um momento, a Adriano). — Seu moço, mim dá canzaca preta p'lo dia di canzameio?

Adriano (rindo). — Dou, sim, conta com ella.

Caetano. — Dá? (Pausa) Antão vá lá. Fal Caetano dá sua cosentimento.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO III

Em casa do General Sariva. Sala mobilhada com apparato; portas ao fundo e lateraes. As do fundo estão abertas e deixam ver um outro salão illuminado e guarnecido com elegancia. Algumas mesas de jogo dispostas como melhor convier no andamento da scena.

SCENA I

(Ao levantar do panno Laura, sentada ao piano, canta a ultima estrophe de uma modinha brasileira. Alguns convidados estão de portas do fundo, uns de frente, outros de costas voltadas para o espectador, e prestam attenção ao canto de Laura. A uma das mesas, aonde se joga o lanqueset, está Jqul Machado, que de quando em quando lança olhares de visível inquietação para o lado do piano (Esta disposição comprehende-se no salão do fundo.) D. Guilhermina e D. Julia estão sentadas á direita no sofá da primeira sala, e conversam em voz baixa.)

Laura (acompanhando-se ao piano)

Uns têm pranto chorado nos olhos,
Dentro d'alma eborado ó o meu!
E ninguém páda vir enxugar-o,
Pois quem sabe só d'elle sou eu!
E' a ciza guada por fôra,
E por dentro voltão a escaudar;
Oceano tranquillo na face,
E no fundo revolto a bramar.

Alguns convidados. — Bravo!... bravo!...

Coronel Faria. — Digam lá o que disserem os sonsabordes... Não ha nada em musica que tanto enthusiasme como a modinha brasileira cantada pelas nossas patricias.

Major Placido. — Sou da mesma opinião, Coronel. Se os Paraguaios ouvissem gemer ao *vistão* qualquer das nossas requêbradas morenas, deixavam com certeza o Lopes e os seus batalhões de mulheres para se renderem com armas e bagagens ás fileiras indígas.

Moscoso. — É verdade; e se nós formássemos também um batalhão de mulheres?

Major Placido. — Isso então arrasava o Paraguay!

Coronel. — Com a lingua?

Major Placido. — Não, com os olhos... (a D. Guilhermina) Não é verdade, minha senhora, que os olhos negros da brasileira são balas de artilharia que abrem grandes brechas nas muralhas do coração?

D. Guilhermina (*mencando o legue e revolvendo os olhos*). — É verdade.

Moscoso (*d parte*). — Então!... a creatura não se persuade que também mata alguém com aquelles olhos de coruja!

Coronel. — Pois meu caro Major, eu antes as quero ouvir cantar ao *vistão*, do que vel-as matar Paraguaios... ainda que seja com os olhos.

Moscoso. — A proposito: o Coronel já ouviu cantar a minha Lóló?

Coronel. — É alguma modinha nova a sua Lóló?

Moscoso. — Não senhor. Lóló é a minha neta; pergunto se já a ouviu cantar?

Coronel. — Ah! ainda não... (*d parte*) nem Deos tal permita.

Moscoso. — Não?! Então vai ouvir... e verá que mimbo, que... O' Lóló! (*chamando*.)

Lóló (*vem da fundo a correr*). — Chamou, vovô?

Moscoso. — Vem cá. Canta para estes senhores ouvirem aquella modinha que eu te ensinei.

Coronel (*d parte*). — Ah! ui! ui! que vem por ali alguma do tempo dos Affonsinhos!...

Lóló. — Já não me lembro, vovô.

Moscoso (*dando-lhe um biscoito que tira da algibeira*). — Anda lá... canta, Lóló... toma um biscoitinho.

Lóló (*tomando o biscoito e enrolando o lenço nos dedos como que acanhada, e canta:*)

o Joven Lilia abandonada

e Por seij lindo ingruito summe...

Moseoso (*latando o compasso*). — Não corras (ont), Lôô! to-
na lá outro biscoutinho.

Coronel (*á parte a um convidado*). — Isto é que se chama mo-
cinha obrigada a biscouto.

Moseoso (*cantando*). — Anda lá.... « *Solitaria e delirante.* »
(*declamando*). Então, Lôô!...

Lôô (*choramingando*). — Não sei.... já me esqueci....

Moseoso (*acariciando*). — Está bom, está bom, não choras....

Lôô (*de te ensinar aquella: cantando*). « *Sobre um rochedo.* » (*decla-*

mando) que é mais nova e muito mais facil. Vai.... vai brincar com

as outras moninhas. *Lôô vai-se para o fundo a correr, comendo*

biscouto.) O Coronel não faz idéa como aquella triança á esperte,

a grande vocação que um para a musica!... Rai menos de

dois mezes.... qual dobi mezes; em mezes de cinco semanas apreudou

« *Joven Lilla* » do fio a parlo.

Coronel (*afectando seriedade*). — O que me diz, homem!...

Pois senhor, tem realmente muita vocação a sua Lôô. (*Conver-*

sam baíro em grupo.)

D. Julia (*a D. Guillermina*). — Tem uma linda voz e canta

com muita expressão?

Moseoso (*tricamente satisfeito*). — Pois não tem, minha sa-

phora?

D. Julia (*muito natural*). — E toca admiravelmente....

Moseoso. — Tocar.... nem por isso.... está nas escolas....

por ora muito novinha.

D. Julia. — Como nas escolas!.. pois não acabámos de a

avir tocar com tanta maestria?

Moseoso. — Perdão.... mas V. Ex. falla?...

D. Julia. — Fallo de D. Laura, irmã de Sr. Julio do Men-

dinga.

Moseoso (*á parte, muito corrido*). — Ora esta!... Eu pensei

que fallava da minha Lôô. (*Vai juntar-se ao grupo.*)

D. Julia (*a D. Guillermina*). — Não é da minha opinião?

D. Guillermina. — Nem por isso.... acho-a trivial....

muito trivial.

D. Julia. — Ouvi dizer que vai casar com o filho do Ge-

neral?...

D. Guillermina. — Também era o que faltava!... seria

bastante para eu nunca mais aqui pôr os pés, nem goute que me

pertença,

D. Julia. — Conheço-a ?

D. Guilhermina. (com desdenho). — Conheço... isto é, sei que é irmã dessa raposa do *theatro* que por ali anda, o tanto elle como ella foram, o creio que são ainda, sustentados por um escravo... que lhes viera do pal... (rindo, com ironia) o lhes tem sorriso de preceptor.

D. Julia. — Admira, porque é na verdade muito premeada, e sobretudo de uma educação elevada.

D. Guilhermina (como acima). — Talvez preadar de Congo ou educação Cabinda... isso pôde ser, porque enfim... pu-
pilla do um negro... Não eu sei como o General tem relações com semelhante gente. (Continúa a conversar em voz baixa.)

Coronel (a Moscoso, á parte). — Quem é aquella *Huguinha* de prata ?

Moscoso (o mesmo). — A de cá ?

Coronel. — Sim, a de cá.

Moscoso. — Pois o Coronel não conhece?... é irmão do Sr. commendador José Machado.

Coronel. — Mas quem é esse Sr. commendador José Machado ?

SCENA II

OS MEUSOS E MACHADO.

Machado (acabando de guardar algumas notas do banco). — Nunca foguel com tanta felicidade!... parece que a tal Deusa Fortuna quer desta vez esgotar a sua cernuocopia. (Vai juntar-se a D. Guilhermina e D. Julia, com quem continúa a conversar em voz baixa.)

Moscoso (á parte, indicando Machado). — Olho, é este.

Coronel (tambem á parte). — Mas que qualidade do homem é elle ?

Moscoso (o mesmo). — Dizem por ali muita coisa a seu respeito. O que é certo é que em dois annos apenas... desde que deixou a casa do Lourenço Carralhões, tem feito uma fortuna espantosa, não se sabe como. É um dos primeiros accionistas do banco, mora em um lindo palacio á Gloria, tem carruagem de luxo etc.... (Da o braco ao Coronel e vão para o fundo continuando a conversar. O Major tem-se retirado um pouco antes.)

SCENA III

D. GUILHERMINA, D. JULIA, TRINDADE e MACHADO.

Machado. — Então *Mina*, tens-te divertido muito? Já gostaste?

D. Guilhermina. — Ainda não chegou o meu par.

Trindade. — Muita fortuna ao lanquet, Sr. Machado! É singular, nunca o vi perder uma vez sequer.

Machado. — É raro; sou na verdade muito feliz ao jogo.

Trindade. — Não vai ainda tentar? Quero também parar ao seu lado para ver o partilho da sorte.

Machado. — Vou. Enquanto há vento, água na vó, como diz o rífão. (*As duas*) Ficam ainda a conversar, sim? eu já volto. (*A parte, olhando para o fundo e vendo Laura e Adriano que passavam de braços dados.*) Não se separam um do outro!... Queira Deus que esse enlevo lhe seja duradouro, Sra. D. Louro. (*Alto a Trindade*) Quer aproveitar a sorte?

Trindade. — Lá ven já. (*Machado vai-se para o fundo e continua a jogar como antecedentemente. Vendo o relógio, á parte.*) Diz o meia e o chefe não vem?... Tenho cá as minhas desconfianças, ... (*Encaminha-se para o fundo.*)

Coronel (*anunciando*). — O Sr. Desembargador Coutinho!

Trindade (*á parte*). — Ora graças a Deus!

D. Guilhermina (*a D. Julia*). — É o meu par; vou pedir que me guardem uma moizurra. Vamos?

D. Julia. — Vamos. (*Vão para o fundo. D. Guilhermina ao passar pela Desembargador, que vem entrando, faz-lhe um longo cumprimento.*)

SCENA IV

TRINDADE ao fundo á direita, CORONEL, MAJOR PLACIDO, e o DESEMBARGADOR COUTINHO.

Coronel. — Venha... venha, Desembargador; já por cá era esperado com impaciência. A reunião tem estado animadíssima.

Desembargador. — Estive na secretaria da policia occupado com negocios de muita urgencia, e só agora pude desembaraçar-me,

Coronel. — É verdade: o Desembargador, como chefe da policia deve estar ao facto.... É certo o que se diz do andar uma grande quantidade de notas falsas em circulação?

Desembargador. — Que ellas circulam é exacto; o autor da omissão é que ainda se não pôde descobrir. A policia porém prosegue nas suas pesquisas.

Coronel. — Ando-me com elles, Desembargador! nada de quartel a esses velhacos que enriquecem á custa do trapaças para depois darem leis á terra e ao povo que roubaram! *(Vai para o fundo com o Major.)*

Desembargador *(fazendo signal a Trindade que se aproxima immediatamente)*. — Então, descobriu alguma coisa?

Trindade. — Ando a observar as bancas do jogo. Tenho minhas desconfianças.... mas falta-me o padrão para o confronto.

Desembargador *(tirando uma nota de vinte mil réis da algibeira e dando-a a Trindade)*. — Aqui tem uma das que foram spanhadas. Observe, confronte.... e cale-se. Sa colher alguma coisa participe-me.

Trindade. — Conforme as ordens de V. Ex., mandei dois officiaes da nossa policia secreta: um para o baile do Barão do S. José, outro para o do Club.

Desembargador. — Bem, bom; actividade e prudencia. *(Retiram-se para a sala cada um por seu lado.)*

SCENA V

ADRIANO e JULIO *de braços dados.*

Adriano. — Parece que andas acanhado, Julio! vêz que todos te procuram o fogos de todos?... Já te tenho dito muitas vezes que deves considerar esta casa como tua.

Julio. — Agradeço. É que está allí o Sr. Carvalhao, meu eis patrão, e confesso que me sinto acanhado na sua presença. É um instincto natural da subalternia diante dos que lhe foram superiores. Apesar de já ho dois annos não estar na sua dependencia, não posso explicar o respeito que ainda lho tenho *(á parte.)* É a consciencia do mal que lhe fiz!

Adriano — Costumeiras commerciaes a que eu seria muito reverso se praticasse essa vida. Mas não é só diante do teu eis pa-

irão que tenho notado certo consirangimento?... Em quanto todos os convidados se divertem, estás tu sempre mettido nos vãos das janelas, parece que a observar as estrellas.... que demonio!... dir-fo-ha que o dia de annos do minha irmã é para ti um dia de Inco!....

Julio. — Então que queres! É quo a liberdade nas salas vem quasi sempre da legitimidade da posição que cada um occupa. N'esses grup's aondo se discutem as grandes operações bancarias queros que vá fallar-lhes das comedias de *Molière* ou das tragodias de *Shakspeare*, para me responderem que o café subio ou que o cacão baixou? N'esses outros aondo se combinam ataques decisivos contra os Paraguayos, he de arriscar unia volata do Verdi ou cantar o hymno da patria triumphante? Queres que vá dizer a esses senhores que cotejem a politica pelo cambio das conveniências interesseiras, que voto pelas tradições coevas da nossa monarchia?!.. Heo disparate inenitenteiro que se me traria o ridiculo em recompensa! Olha, meu amigo, tu, que viste no mundo galardoado por teus avós conhecidos na historia da guerra peninsular por mil feitos gloriosos, não podes, não sabes avallar quanto o homem a quem Deos concedera alguma intelligencia, se sente humilhado diante d'esses potentados do seculo que escrevem em *cifras de ouro* os braços da sua nobreza! Alli, a voz treme; o espirito vacilla, a intelligencia baqueia, o se acoitamos a mão que por favor se nos estenda á para n'o-la deixar onde o ridiculo for mais proeminente! A' vista d'isto, meu Adriano, quando olho para esse escravo que meu pai me deixára por unico arredo, sinto orgulho em-lhe dever o que sou e o que for ainda, porque d'esse ao menos não temo a injuria.

Adriano. — São preconceitos que o tempo ha de ir desfazendo, e quem quizer arcar com elles corre-lho o risco de ficar esmagado.

Julio. — Deos me livre de semelhante tarefa! Perguntaste-mo a razão por que eu observava as estrellas, disse-t'a.... nada mais.

Adriano. — Outra cousa; já fallaste a meu pai?

Julio. — Ainda não. Em uma noite de reunião não me parece proprio; temos muito tempo.... e depois, como ha a certeza do seu voto para que precipitarmos-nos?

Adriano. — Tens razão, mas não deixes de fallar-lhe logo que encontres occasião. Estou com pressa.... recio que mo fuja a felicidade! (*Ouve-se uma valsa.*) Ah! tua irmã tinha-mo promettido esta valsa.... não quero perdel-a. (*Vai-se pelo fundo.*)

Julio (vendo *Carvalhaes* que vem a conversar com outro convidado). — O *Carvalhaes*!... que fatalidade!... quanto mais procurei evital-o mais o encontro.

SCENA VI

JULIO, CARVALHAES e CONVIDADO.

Convidado. — Com que então, Sr. *Carvalhaes*, é de opinião que o café vai acina.

Carvalhaes. — Sou (a *Julio* que vai a sair.) Fogo de mim Sr. *Julio*?

Julio (embaraçado). — Eu... fugir do V. S.

Carvalhaes. — Já por duas vezes lho dirigi a palavra.... respondeu-me por monosyllabos.... parece e tar mal comigo.

Julio. — Não tenho razão para isso.

Carvalhaes. — Por eu saber que a não tem, é que lhe extranho o querer evitar-me.

Julio. — A minha vida de hoje é tão differente da do tempo em que era caixeiro do V. S., que receto....

Carvalhaes. — Receta o que? que tem lá que o senhor seja actor?... Conheço-me, creio, e sabe que não sou dessas profuzos. Conheci, e era amigo verdadeiro do seu pai com quem tive grandes transacções commerciaes, o sinto que o filho não lhe seguisse o mesmo caminho, mas isso não é razão, cada um segue as suas inclinações. Ora pois, fallo-ma quando me encontrar, olhe que eu não sou seu inimigo.

Julio. — Agradeço, Sr. *Carvalhaes*, a sua extrema bondade, e fique certo de que cumprirei d'ora em diante o meu dever. (Comprimanta e vai-se.)

Convidado. — Quem é este rapaz?

Carvalhaes. — Este rapaz é filho de um antigo negociante, que teve boa fortuna, mas pouco tempo antes de morrer metteu-se em transacções de barra lura e perdeu tudo em meos de um anno. Desgostou-se com aquillo, e lá se foi, coitado, sem deixar cousa alguma aos filhos, que têm sido amparados por um velho escravo que lhes ficara por unica herança. O amigo havia de conhecê-lo.... Á do seu tempo: José Saupais de Mendonça....

Convidado. — Conheci, pois não?!... esse rapaz é filho desse homem?!...

Carvalhaes. — É, e essa menina que ha pouco cantou, é irmã d'elle.

Convidado. — Bom homem... bom homem e heurado.

Carvalhaes. — Em consideração ao pai, do quem fui muito amigo, tive-o algum tempo em minha casa, primeiro como caixeiro de armazem, depois como recebedor de letras. Um dia, ha de haver pouco mais de dois annos, despedio-se, dizendo que queria seguir a vida do theatro, para a qual na verdade eu lho conhecia pelas tendencias, o filho é actor, creio que do bastante merecimento, pelo que dizem as jornaes. Tive pena porque era muito habil e promettia futuro no commercio, mas que lho havia de fazer? Andia lá aquella minha enverguetada....

Convidado. — Cêzto do rapazes... *(Mudando de tom.)* Dizeram-se ha pouco que essa menina... a irmã d'elle, vai casar com... *(Vão para o fiasco continuando a fallar em voz baixa.)*

SCENA VII

GENERAL, LAURA, HELENA e MAJOR PLACIDO.

Laura dá o braço ao General que vem apoiado a uma bengala, Helena dá o braço ao Major Placido.)

General. — Os convidados estão entusiasmados contigo e com as tuas modinhas. Bem podes preparar-te para os aturar por toda a noite. Fervem os empenhos para que eu te venha pedir que cantes algumas do nosso Gonçalves Dias; mas, apesar do muito prazer que tenho em te ouvir, disse-lhes que me dispensassem. Tens já cantado bastante e tenho medo que o rouxinol me adoeça.

Laura. — O rouxinol nunca adoece quando canta as primaveras do um anjo. *(Vai beijar Helena.)*

Helena. — Obrigado, minha Laura, por mim e por meu pai que morre por te ouvir cantar. *(Vão sentar-se no sofá á direita. O General é esquerda junto á mesa.)*

Major Placido. — Pois é certo, General, o que sua Exma. Sôza acaba de me dizer?... Faz hoje apenas dezolito annos?!...

General. — É verdade.... acho que estão bem empregados!...

Major Placido. — Oh! minha senhora, aceite V. Ex. as minhas sinceras felicitações. Os seus dezotto annos são tão cheios de frouzura como a rosa ainda em botão ao receber os primeiros orvalhos da manhã. *(Helena agradece sorrindo e continúa a conversar com Laura.)*

General (rindo). — Bravo, Major!... aprendeu esses galanteios lá de fronte de Hamaytá? No meu tempo o soldado da Península só sabia o manjeio da espada contra o pescoço do inimigo!... Os Francezes que o digam!... Ah! Bussaco.... Bussaco!...

Major Placido. — Não, General, os galanteios das salas não reparetem além no campo das batalhas! Allí, animado pelo uobre exemplo de guerreiros distintos como V. Ex. o foi, o soldado brasileiro sabe também batalhar com brio ou morrer com gloria á sombra do pendão nacional. Perdida a primeira acção, recresce-lhe a coragem para o segundo combate! Quando o inimigo, em campo aberto, vomita o fogo da metralha pelos flancos de um quadrado....

General (que se tem entusiasmado pouco a pouco, levanta-se apoiado á bengala, tremulo de commoção). — Avança!... avança, cavallaria do Chaves!... *(sentido doras nas pernas e sentando-se)* Ah! ah! ah!... malditos dorest!... *(rindo)* ah! ah!... fogo d'Abrit, extinto em Janelro!... Ande lá, ande lá, Major, cedo-lhe o campo: eu cá vou na bagagem ou fico no quartel dos inválidos!... *continua...*

Major Placido. — Não, General, se m'o permite não continuarei. Vejo que o incommoda a commoção, e não desejo do forma alguma....

Helena (á Laura). — O papá é sempre assim: quando ouve fallar em batalhas enthusiasma-se a ponto de ficar doente.

General. — Sento-se então aqui ao pé de mim, e conte-mu como a esquadra conseguiu....

Major Placido. — Subir o rio?... é uma historia muito complicada que só posso dar em resumo.

General. — Não imperia, conte-m'a. Uma vez que terminou a commissão que o trouxe á cfrto, é provavel que nos deixo em breve, e interessa-me ouvir-a por uma testemunha de vista. *(Conversam em voz baixa.)*

Laura (em continuação á conversa com Helena). — E não sei se meu irmão já lhe fallou.

Helena. — É escusado, o papá já sabe tudo.

Laura. — Já? E quero lh'o disse?

Helena. — Eu.

Laura. — Tu?!

Helena. — Eu, sim, Adriono tinha-me contado o que se havia passado quando to foi pedir a teu irmão, e eu disse no papá para encurtar dificuldades.

Laura. — E que respondeu elle?

Helena. — Que havia de responder?... que era mais uma filha que continuaria a amar como a mim mesma. Não fazes idéa do quanto ficou satisfeito, e eu tambem, que vou unsta ter por irmã a minha primeira amiga.

Laura. — És um anjo, Helena!

Helena. — E tu o que és? (tomando-lhe a mão e reparando na pulseira) Ah! mas ainda agora reparo.... tens uma lindíssima pulseira.... (exaltando) e é de brilhantes.

Laura. — Foi presente que me fizeram no ultimo concerto do Club....

Helena. — E aceitaste?..

Laura. — Vinha pendente de um ramalheto, entre muitos que me offerceram e tiveram para mim o valor de uma ovação expontanea. Como havia de recusal-a se não sabia a quem restituil-a?..

Helena. — Não suspeitas então quem t'a offerceu?

Laura. — Suspeitor.... talvez, so certo não sei.

Helena. — A situação é delicada, mas n'essa duvida, o mulindre e as conveniencias aconselhavam-me a não fazer uso d'ella.

Laura. — Vês? ora essa a minha tenção, mas em todos os meus capriches, quando n'elles não vão a honra, ha sempre uma excepção para os annos de uma amiga.

Helena (beijando-a novamente). — Obrigada, minha Laura. E de quem suspeitas.... se para mim não tens segredos....

Laura. — Bem sabes que não. De um tal commedador Mechado....

Helena. — Bem sei; que foi caixa, ou não sei e que, na mesma casa em que teu irmão foi caixeiro.

Laura. — É esse.

Helena. — Elle tambem cá está.

Laura. — Creio que sim. Parece-me tel-o visto por acaso a

13245022
1952



Helena. — É áquisto o tal commendador? Dá arcs do semi-selvagem!... tem o olhar espantado! parece que desconfia de toda a gente!... Ha pouco quando cantavas o Adriano te voltava a musica, elle olhava-us de rétré como quem os queria engolir!...

Laura (*sorrindo*). — O pobre homem pardeu o juizo!

General. — Nas a final passou!...

Major Placido. — Houve grande difficuldade, porque as balas choviam como saraiva, mas passou!...

General. — Sempre tive essa esperanza. Cá para mim era questão de mais hoje, mais amanhã.

Coronel (*ao fundo*). — Botão, General... ajuda quanto antes que ha revolução na praça! Os rapazes queixam-se e com razão, de que V. Ex. lhes roubára (*designando Helena e Laura*) as perolas do exercito danzante.

General (*rindo*). — Tem razão... Lá vou em soccorro com a minha divisaõ!... Ah! ah! ah!... Meninas, avancem que a praça revolta-se!... Dê-me o seu braço, Major. (*Vão todas para o salão ao fundo.*)

SCENA VIII

DESEMBARGADOR CONTINHO e TRINDADE *entrando cada um do seu lado.*

Desembargador. — Que ha de novo?...

Trindade (*sepolt de observar a scena*). — Fiz uma parada e ganhei esta nota de vinte que é perfeitamente igual á que V. Ex. me deu.

Desembargador. — Deixe cá ver... (*examinando-a*) É verdade, não ha duvida que foi tirada da mesma chapu.

Trindade (*sempre a meia voz*). — O individuo a quem a ganhei tinha muitas mais diante de si: é um tal José Machado.

Desembargador (*guardando as notas*). — Bem, não o perca do vista. Continue a observar, mas tome muito cuidado. É preciso que elle não tenha a minima suspeita, senão está tudo perdido e não se poderia descobrir o resto. Ha de haver ramificações, quero apunhal-os a todos, e sobretudo saber aonde existe a fabrica, que é o mais importante. Veja lá o que faz!... Ria,

converse com ella e com os outros, e torno a repetir-lhe que o não perca de vista d'ora em diante.

Trindade. — Fique V. Ex. descansado que o não perderei de vista um só momento.

Dixemburgador. — Não convem que nos vejão juntos... separar-nos. *(Vão-se para o fundo discretamente.)*

SCENA IX

JOSE MACHADO, só.

Não me agrada muito a presença do chefe de policia nesta reunião. É verdade que ellas estão tão perfectas que não é facil descobrir a fraude... mas é bom sempre acautelar. Tratei de escrever ao Francisco Dias para que esteja alerta. Nestas cousas não ha que ficar, toda a prudencia é necessaria. *(Faz sentar-se á esquerda limpando o suor com o lenço.)* Tenho a cabeça a arder!... parece que tenho febre!... Aquella mulher... aquella mulher!... nem sequer tem olhado para mim durante toda a noite! Embelhada pelas ternuras do filho do General, não sabe, não vê que me devora o ciúme, e que um homem escarnecido é capaz de tudo para se vinguar! *(pausa)* Dizem que vão casar... *(riado com ironia)* vovômos! *(indicando a algibeira)* Tenho aqui o poder magnifico que te fará dobrar o orgulho; o post-raso talismão que me dará a victoria. Tenho além d'isso dinheiro, vontade e coragem!... com estes tres elementos derruba-se qualquer obstaculo! *(Os convidados têm desaparecido pouco a pouco da sala.)* Pensava então, Sr. D. Laura, que os da minha tempera se humilham facilmente?... enganou-se! Aos grandes males applicam-se os grandes remedios, e, ou o doente morre, ou a molesta cede!...

SCENA X

MACHADO e LAURA.

Laura *(com a entrar, dá com os olhos em Machado e quer retirar-se).* — Ah!... *(d' parte)* Este homem aqui!...

Machado (*tomando-lhe a passagem*). — Assustou-se, minha senhora?

Laura. — Julguei encontrar aqui meu irmão, e.... (*quer desistivelmente sair e Machado oppõe-se ainda.*)

Machado. — Preciso fallar-lhe.

Laura. — A mim?... tom alguma coisa a dizer-mo?

Machado. — Está claro que sim, senão não lho diria — que preciso fallar-lhe.

Laura. — Mas que poderá V. S. ter a dizer-mo?

Machado. — Alguma coisa que a devo interessar.

Laura (*ameaçando sair*). — N'esse caso.... visto que o interesse só me diz respeito....

Machado. — Oiga-me, Sra. D. Laura, se não quer arrependêr-se. Trata-se de seu irmão, que a senhora póde salvar se quizer.

Laura (*em rebresalto*). — O que! corio algum peigo meu irmão!...

Machado (*trónico*). — Se eu lhe digo que me escute....

Laura (*descendo*). — Pois bem, falle, senhor, falle, mas que seja breve.

Machado. — Ora graças a Deus!... (*dece também, depois de tomar fôlego.*) Conversemos, Sra. D. Laura, mas como louos amigos.... (*com hyp-crisia*) Eu não quero fazer-lha mal.

Laura. — O' senhor, póde ainda de Deus diga o que tem a dizer-me, se não.... (*ameaça sair.*)

Machado. — Está impaciente?... tem razão, quem tem tantos admiradores, é justo que os não faça esperar.

Laura (*à parte*). — Grosseiro!...

Machado. — Diga-me, Sra. D. Laura, é com effeito verdade que a senhora vai casa com o filho do General?

Laura. — E com que direito me interroga?! sou porventura obrigada a dar-lhe satisfação dos meus actos?

Machado (*simulando paciencia*). — Oiga, oiga, minha senhora, e não se impaciente. Não é obrigada a dar-me satisfação dos seus actos, mas eu é que estou no direito de tomar contas do seu proceder com referencia á minha pessoa.

Laura. — Não comprehendo.

Machado. — Lá vamos já. A senhora lembra-se.... ha de lembrar-se, quo lhe escrevi muitas cartas, a que nunca respondeu á verdade, mas que naturalmente he e até decorou?

Laura. — Engana-se, senhor. É verdade que me foram entregues algumas cartas pelo velho Cantano, que dizia vinham da sua parte, mas pôde crer que nunca li nem uma só; nem as abri sequer.

Machado. — E porque?... porque o Sr. Adriano Saraiva lh'o impedia, não?

Laura. — Já lho disse que não tenho contas a dar-lho.

Machado. — É então a guerra que me declara? accito-a, e para começar as hostilidades dir-lhe-hei que o seu casamento com o Sr. Adriano Saraiva não se effectuará!

Laura. — Enloqueceu de certo! E porque se não ha de effectuar o meu casamento com o Sr. Adriano Saraiva?... (*Julio vem a entrar e pára á porta do fundo a observar.*)

Machado. — Porque? porque tenho aqui, na minha algibeira, documentos que provam que seu irmão é um ladrão!

Laura (*fora de si*). — O senhor, mente!

Machado. — Minto? (*Tirando uma letra da carteira*) Veja, é uma letra do valor de 1:500\$000 réis, em que seu irmão falsificou a firma de seu ex-potão, e que paguei ao Banco para o salvar.

Laura (*á parte*). — Ah! Julio, que fizeste!

Machado. — Ora já vê, minha senhora, que se eu apresentar esta letra ás autoridades competentes, o General Saraiva não ha de querer que seu filho case com a irmã de um falsificador de firmas.

Laura. — Oh! mas o senhor não ha de praticar semelhante infamia!.. que proveito lhe viria dahi!... Tenha piedade de mim!..

Machado (*sempre irónico*). — Piedade!... falla em piedade!... Ha a senhora teve-a quando eu lhe escrevia repetidas cartas solicitando uma palavra de amor?... Teve-a quando eu lhe offerecia parte dos meus haveres em troca de uma esperanza? Teve-a, diga, quando eu sacrificava o meu dinheiro para satisfazer-lhe os caprichos brindando-a com....

Laura (*com muita dignidade*). — Basta, senhor!... nem mais uma palavra, ou chamo o dono da casa!... Se tive a fraqueza de pedir piedade para meu irmão, que o senhor quer infamemente ultrajar, não lho dei por isso direito para que me insulte! Se pretende falar dessa jria que accetei no meio dos applausos, e porque não tinha a certeza que vinha da sua mão.... (*tira a pulseira*) aqui a tem! nas da sua esphera talvez encontre quem se deixe fascinar pelo brilho destas miserias... que eu rejeito, como

rejeito o detesto a mão que m'a offereceu! (*Atira-lhe a pulseira aos pés.*)

Machado (*apunhando-a, á parte*). — É menos um recuso que te lica em caso extremo. (*Guarda-a, rindo.*) Pois minha senhora, esses lances dramaticos não lhe valem de cousa alguma porque a letra está em meu poder e vou apresental-a ás autoridades.

Laura. — Mas que mal lhe fez meu irmão, senhor? (*á parte*) O que ha de ser d'elle, meu Deus! (*Alto.*) Sr. Machado... peço-lhe... (*ajoelhando*) peço-lhe de mão erguidas... (*Julio que se tem aproximado vem ao meio dos dous.*)

SCENA XI

OS MESMOS E JULIO.

Julio (*levantando Laura*). — Levanta-te, minha irmã!... accêpis daquella senhor enxovulhar-se nma mulher honesta!...

Machado. — Ah! ah!... o Sr. Julio de Mendonça, não mente á profissão... Como bom actor fez a sua entrada a tempo para o desfecho da comedia!..

Julio. — Sr. José Machado, tive-o até este momento por um cavalleiro... enganai-me, desculpa... acabo de ver que o seu caracter é mil vezes inferior ao do mais infimo laçudo!...

SCENA XII

OS MESMOS, GENERAL, DESEMBARGADOR COITINHO, CORONEL FARIA, MAJOR PLACIDO, CARVALHAES, TRINDADE, ADRIANO, HELENA, D. GUILHERMINA E TODOS OS MUITOS CONVIDADOS.

Machado. — Locam!... pois bem... acção de laçudo. (*Volta-se para o fundo como para chamar, ao tempo em que todos entram.*)

General. — Que é isto, senhores!...

Machado. — Sr. Desembargador Chefe da Policia!... He, José Machado Rodrigues, Comendador da ordem de Christo, denuncio-lhe o Sr. Julio de Mendonça como falsificador da firma de

seu ex-patrão em uma letra da quantia de um conto e quinhentos mil réis paga por mim ao banco do Brazil. Eis-aqui a letra! *(Mostra-a. Laura afflicta lança-se nos braços de Helena; o espanto é geral.)*

Julio *(quasi d parte)*. — Jesus! o meu crime!... caiu perdido!

Carvalhoes *(que está proximo de Julio)*. — Está salvo! *(alto indo ao meio)*. E eu, Lourenço Carvalhoes de Azevedo, negociante matriculado na praça do Commercio do Rio de Janeiro, o ex-patrão do Sr. Julio de Mendonça, declaro que essa firma é minha, e que a letra é verdadeira!

Julio *(a meia voz)*. — Obrigado, senhor.

Carvalhoes *(o mesmo apertando-lhe a mão)*. — Por seu pai, Sr. Julio,

General *(a Machado)*. — Amanhã ajustaremos contas!... Salta!... *(Adriano vem a Julio e abraça-o, Laura conserva-se quasi desfallecida abraçada a Helena.)*

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

A mesma scena do primeiro acto

SCENA I

CAETANO, só

(Ao levantar do panno está a limpar o pó dos trastes com um espanador de penas). — Oia como 'sta essa casa!... tudo trapalhado como sanzala di negro Congo!... Calêra p'ra qui, cadêra p'ra colá, o pai Caetano qui vem ranjã tudo!... C'ô offeto!... nós assim nõ vai bem. *(Reparando em uma capa bordada que está sobre uma cadeira)* Oia!... oia esse roupa di thiatro como está!... capote brodado c'ô outro, com quo seu mdoço representa, tudo amarrutado!... *(Sacote a capa. Reparando no retrato que está na parede.)* Retrato-di sinhô velho cobêrito di póera... *(Vai a limpar o retrato com o espanador, suspende-se, tira um lenço e limpa-o, manifestando signaes de respeito e saudade. Descendo.)* Que terá esse gente qui anda tão macambuzo!... Depois qui foi a baile di blanco na casa di sen Generá seu mdoço cahio doente, hoje é qui levanta di cama!... sinhô também nõ anda negro como costuma... aqui anda historia qui blanco qué cecoudê di mim, mas pai Caetano ha di subô o qui é... olê!

SCENA II

CAETANO e LAURA.

Laura. — O doutor nõ veio, Caetano?

Caetano. — Veio, sinhá, mas estava c'o pl'ega. Disse qui seu mégo si devia lavará di cama, qui já nã plicisava di remédio.

Laura. — Felizmente está quasi bom. Esteve tão mal que chegou a receiar... *(d' parte)* O abalo foi grande, oh! se foi!

Caetano. — Mas o qui foi que seu mégo tova, sinhá? Foz ho-ja um mez e cinco dia, qui ele cahio di cama!... Pai Caetano fez calculo di cambreça e reparou qui dipóis di baile de Generá, anda tudo di beigo caído!... Seu Zúlio coonte, sinhá anda triste.... O qui foi qui conteceu?

Laura. — Nada, não ha cousa mais natural do que estar-se bom, e de repente....

Caetano. — Um... Caetano nã é negro novo... conteceu p'lo fôrça alguma cousa qui sinhá nã quô contá! Foz mal, sinházinha em guatidá segredo p'ra velho qui criou munnina.

Laura. — Mas se já to disse que não succedeu cousa alguma.

Caetano. — Succedeu... succedeu!... Sinhá nã querim dizer? é o mémo, Caetano ha di saber. *(ouve-se tocar uma campainha.)*

Laura *(d' parte)*. — Ainda bem. *(Alta.)* Teu senhor chama, talvez precise alguma cousa.... *(vai-se pela direita.)*

Caetano *(só)*. — Gente branca é assitu; pensa qui negro tudo é tempo de cambreça!... negro está vendo e branco cuida qui negro nã tem sio.... *(Depois de observar a scena)* Bom, ogora ficou só.... vai dar mia balança.... *(Sentu-se á mesa da equorta e tira um saquinho que tras no pescoco contendo dinheiro em ouro e em papel, que despeja para contar. Ao tirar do saquinho vê-se-lhe um medallão cravado de pedras, contendo um retrato, que contempla por momentos.)* Pobre sinhá velha!... retrato parece que está rindo p'la Caetano!... Ra! tam bom p'ra mim!... Morreu!... tudo que é bom si acabou!... *(beijando-o.)* Descansa, meu sinhó, que o escravo ha di cumprir promessa qui fez na hora di tua morte di entregá a tua fia no dia di sua canzanêto. *(Guarda o retrato e dispõe-se a contar o dinheiro que despejou sobre a mesa disposto em montinhos, que depois reúne mentalmente.)* Ora bem.... cinco e cinco, dez.... c'o cinco... *(contando pelos dedos)* ouzo... dozo... quinze. Faz tresentos mi réis. *(contando as notas)* dinhéro di papel... duzentos cincoêta.... Caetano nã gosta di dinhéro di papel... banco pôde quebrá e dipóis só serve p'la embrullá monteiga: vai trocá plu ôro em casa di cambista. Du-zento cincoêta c'o trezentos, faz.... quinze e cincoêta. Tem escondido debaixo di fogão di cozinha um conto di réis.... faz conto quinze e cincoêta.... *(depois de pausa.)* Nã chenga ainda p'lo dote di

...dinheirinho.... é pouco, precisa trambala ainda. (*Levantando-se.*) Ora deixa ver o qui é qui eu pôde fazer c'o esse dinheiro.... Compra palacio c'o janella grande p'la sinhá morá.... compra carrinho di cavallo só p'la ella passá junto c'o seu mégo Adriano, e pai Caetano no bolés, do canzena prota di golão di oro, c'o bilicote na mão.... (*Imitando o trotar do cavallo*) plóc, plóc, plóc! Então é qui eu fica graddo!... Compra.... mas cur está maluco! Dinheiro nò chengá!... palacio e carrinho custa muito caro.... (*Muito triste olhando para o dinheiro.*) É pouco.... trambala, trambala Caetano, p'lo dote di tua filha. (*Guarda o dinheiro no sacco, e torna a pôr ao passeio.*)

SCENA III

CAETANO e ADRIANO.

Caetano (*vendo Adriano que entra*). — Bença, seu mégo.

Adriano. — Bons dias, Caetano. Tou senhor levanta-se hoje?

Caetano. — Medico já deu ordo p'la elle si levantá.

Adriano. — Ainda bem. Vai dizer á Sra. D. Laura que estou aqui.

Caetano. — Sim, meu senhor. (*Entra e direita*)

Adriano (*si*). — Miseravel! Junta a cobardia á infâmia! Nunca cheguei a persuadir-mo' que houvesse homens assim! Estou porém convencido, vejo que os ha para tudo, e de tudo capazes.

SCENA IV

ADRIANO e LAURA.

Laura. — Então, Sr. Adriano, fallou ao empregario?

Adriano. — Fallei. É um perfeito cavalheiro. Não só cedeu de bom grado ao meu emponho, mas até se offerceou para o mais que lhe seja necessario.

Laura. — É bom homem, é; estava certa de que eu não recusaria a tão justo pedido.

Adriano. — Disse-mo' que, em attenção á doença de Julió, opezar de ter passado o prazo estipulado na escriptura, em que do-

via ter lugar o beneficio, não seriam por isso prejudicados os seus interesses, porque lhe fica reservado o direito de o effectuar quando lhe for possível.

Laura. — Veja a differença que vai d'esse cavalheiro áquelle homem!

Adriano. — O José Machado?... Venho tambem da casa d'elle. Depois daquella noite não sabe talvez o que se tem passado?

Laura. — Não.

Adriano. — No dia seguinte, meu pai escreveu-lhe uma carta terminante em que lhe pedia plena satisfação do insulto feito em sua casa a um amigo seu. Respondeu que o braço tremulo do velho General mal poderia sustentar uma espada ou acertar no alvo com a pistola. Ao ler esta resposta foi immediatamente procural-o á casa, com a firme intenção de lho atravessar a cabeça com uma bala. Não o encontrou. Voltou ainda muitas vezes e não estava nunca, ou se estava negava-se a fallar-mo. Finalmente ainda agora, quando sahia da casa do empresario vi-o seguir rua acima e acompañei-o de perto. Entrou; entrei tambem, e mesmo na escada da sua casa disse que ia tomar-lhe a satisfação que negara a meu pai! rio-se!... Atirei-lhe a minha luva!... provoquei-o como se fosse um cão!... e continuou a rir!... Entendi portanto que o sangue do miseravel não valia o minimo sacrificio, e sahi.

Laura. — E fez bem, Adriano; deixemos a Deos o cuidado do nos vingar; Elle lho dará o castigo.

Adriano. — Oh! so ha de dar!... O castigo daquelles homens vem quasi sempre tardio, mas ha de vir porque é justo!

Laura. — E ha quem não crêa nos presentimentos!... Quando eu sentia uma invencivel repugancia em fallar-lhe, era porque não sabia o motivo, mas tinha a certeza de que não podia ser bom.....

Adriano. — Pôda então dizer-mo, desculpe fazer-lho esta pergunta, mas bem vê que na minha posição, visto que vai ser minha mulher, ha certos escrúpulos que só se desvanecem com razões coerentes. Pôde explicar-mo como o porque, aborrecendo-o como diz, recebeu das suas mãos um presente valioso? Não duvido de si, Laura, mas.... enfim, ha cousas que custam a comprehender.

Laura. — E não duvide que lh'o não mereço. No ultimo concerto do Club, a beneficio das viúvas dos officiaes mortos na

guerra do Paraguay, onde fui tambem cantar, foram-me offerecidos muitos ramalhetes no meio dos applausos do costume. Recusou-os affectuosa, e sahi do lá contentissima com aquellas flores, sem suspeitar dos espinhos que ellas poderiam occultar. Só em casa pude ver que, atado a um dos ramalhetes, vinha o presente alludido; era uma pulseira com alguns brilhantes cravados, e um bilhete que dizia: « Offerecido ao merito por um admirador. » Guardou-a como é natural; sem tenção de fazer uso d'ella, porque já suspeitava, não do artil traizoeiro que mais tarde conheci, mas que me era offertada por mão que desde muito detestava. Negou porém o festejo dos annos da minha boa amiga, e esquecendo o que a mim mesma prometterá, tive a imprudencia de me adornar com essa joia para acontecer o que sabe! Mas furo-lho pelo que ha de mais caro, que nem tinha a intima certeza de sua procedencia, nem ao menos pela idéa o encontro d'esse....

Adriano. — Obrigado, Laura; acredito nas suas palavras, e de novo lhe peço desculpa. O homem que ama tão sincera e verdadeiramente como eu a amo, tem certos escrúpulos que rastejam pelo ridiculo; é certa; mas n'esses peccados do coração existe sempre a boa fé que o absolve da culpa.... não é assim, Laura? *(Beija-lhe a mão.)*

Caetano *(á parte, vendo Adriano que beija a mão de Laura).* — Ah! outra vez nonguço di beijo!... mão, mão, qui eu tira miá essentimento!

Adriano. — Já está de pé, teu senhor?

Caetano. — Está-se a preparar.... *(á parte)* Agora eu fica aqui também.... dá outro beijo si é campez, andá....

Adriano. — Enquanto Julio se prepara tenho aonde ir; volto já para lhe dar os parabens pelo restabelecimento. *(Compara a Laura e vai a sair.)*

SCENA V

Os MENOS e GENERAL.

General *(ao fundo).* — Olá! está por cá, Sr. Saraiva Junior?... o velho que se arraste por ahí sem um braço que o ampere.... Estavas talvez a ouvir o cantar saudoso d'este sabião enternecido....

oim?... Ah! ah! ah!... (vindo com malícia bondosa.) Ora vamos... é cedo ainda... has de ouvir-lho todas as cantigas... mas depois... Por ora: — Caetano áleria! (grita como as sentinellas.)

Caetano (o mesmo, pondo o dedo no olho). — Alerita está!...

General. — Ah! ah! oh! (beijando Laura na testa.) Vamos lá a saber... como vai o nosso doente?

Laura. — Felizmente pôde dizer-se que está bom.

General (sentando-se). — Estimo... ah!... (doras nas pernas) ah!... estimo, porque temos muito que conversar.

Adriano. — Se meu pai dá licença... ia sair... voltarei d'aqui a pouco para o acompanhar.

General. — Vai, mas espera-me perto d'aqui que preciso do teu braço para dar umas voltas.

Adriano. — Espera-n-hoi á esquina da rua.

General. — Pois sim. (Adriano vai-se.) Mas então ainda está na cama?

Laura. — Está a preparar-se, não pôde falar... (reparando para a direita) Elle ahí vem.

SCENA VI

Os mesmos e JULIO.

General. — Quo é isso, homem?... quer morrer? não é na cama que ha de restabelecer-se... faça-se rijo!

Julio. — Bons dias, Sr. General. Não esperava tão cedo a visita de V. Ex.

General. — Sim, vim mais cedo que de costume porque preciso fallar consigo, mas só consigo.

Julio. — So V. Ex. quer ter a bondade de entrar para o meu gabinete...

General. — Não, não... antes aqui, que já estou á vontade. (Julio faz signal a Laura e Caetano para se retrahirem.)

Laura (saindo, á parte). — Que será?...

Caetano (o mesmo). — Agora é qui eu vai sombê o qui coutecon. (Vai para o fundo e espreita de ver em quando.)

Julio. — Estamos sós, General.

General. — Muito bem, conversemos pois. (Julio senta-se.)

Caetano (do fundo, á parte). — Eu tambê vai cuvi conversa.

General. — Sr. Julio, bem sei que, apenas convalescente, não era este o momento opportuno para vir fallar-lhe em um assumpto tão bastante melindro para o senhor e para mim; mas o tempo passa e ha cousas na vida que não admittem delongas. Sabo tambem, pois, que fui sempre e sou ainda seu amigo, e o meu unico desejo a seu respeito é vê-lo satisfeito e feliz.

Julio. — V. Ex. não tem sido só meu amigo, mais que isso, um segundo protector.

General. — Na minha qualidade de pai, Sr. Julio, tenho a estrita obrigação de velar pela felicidade de meus filhos a quem me cuido legar um nome limpo de viciosos. Tenho além disso outros deveres, uns que me são impostos pela sociedade, outros pelos deus da minha consciencia, com os quaes não posso deixar de transigir sem quebra do meu caracter ou pelo menos da dignidade inherente á minha posição. O mundo pede-me contas, e que me entendo senão dar contas ao mundo! Agora que meu filho vai desposar sua irmã, é justo que um pai, cioso da honra da sua casa, adquira a certeza de que vai alliar-se a uma familia honesta. Isto posto, permitta que o interrogue, e prometta-me que responderá a verdade ás perguntas que lhe fizer.

Julio. — V. Ex. conhece-me bem, e sabo que detesto a mentira; interrogue-me, pois, General, estou prompto a responder. *(Caetano presta attenção.)*

General. — Primeiro que tudo diga-me o que ha de verdade em referencia á accusação feita por... por esse José Machado, de uma letra falsificada, porque enfim, apesar do seu ex-patrão haver declarado que a firma era verdadeira, não me parece natural que alguém se atreva a fazer semelhante accusação em publico sem ter alguma prova que lhe sirva de base em caso de reclamação.

Caetano (á parte). — Cói qui historia é essa di letra falsa!...

Julio. — Sr. General... vou dizer-lhe toda a verdade!... Em um momento como este saltava-me a coragem do mentir, ainda mesmo que não tivesse a minha palavra comprometida!... *(depois de algum esforço)* Essa letra foi com effeito falsificada por mim!...

General. — Quo diz, Sr. Julio!... Não, não é possível!... pois o senhor...

Julio. — Ouça-me, General, e depois condemne-me. Sim, fui eu o falsificador d'essa letra! O General recorda-se sem duvida da ultima reunião que deu ha dois annos pelo anniversario de sua filha?

General. — Em que o senhor esteve com sua irmã... lembro-me,

Julio. — Foi n'uma sexta-feira. N'esse dia tinha eu feito a co-
branca de algumas letras de meu patrão. A ultima que recobí
de 1:500\$000 era de um devedor do S. Christovão; quando do lá
voltei era noite, e não pude entregar o dinheiro desta como o fiz das
outras porque o Sr. José Machado, que era então o caixa, já tinha
saído e o patrão tambem. Guardei pois o dinheiro para entregar no
dia seguinte. Antes porém de chegar á casa, lembrei-me da sua
reunião, General, aonde já se achava minha irmã, e para lá fui em
vista do convite que V. Ex. me tinha feito. (Pausa.) A dona não
me entretinha, procurava outras distrações. Aproximei-me por ac-
cso, a uma mesa donde estavam muitos convidados a jogar. A priuci-
pio era simples expectador,... depois, vencido não fui por que ten-
tação ou fatalidade, arrisquei n'uma carta algum dinheiro.... ga-
nhei!... fiz nova paraca, ganhei ainda!... seguiram-se outras... ga-
nhava sempre!... Todos me felicitavam pela sorte espantosa que me
protegia em todos os lances.... ah! mas a fortuna é ephemera, scri-
riu-os em uma hora para nos abandonar por toda a eternidade.

General. — E depois?...

Julio. — Depois continuei a jogar. Já não era a ganancia do
lucro que me detinha amarrado áquelle posto de infamia e perdi-
ção; era a idéa de recuperar o perdido para evitar a vergonha que
devia seguir-se. Debalde!... a roação havia-se operado, e o azar....
não,... não era o azar, era a desgraça, a fatalidade que começava a
perseguir-me! Só me levantei da mesa quando vi desaparecer das
mãos todo o dinheiro que não era meu!... (Pausa.) No dia seguinte,
não podendo dar contas ao patrão, tive a desgraçada loucura de fal-
sificar essa letra que fui descontar ao Banco do Brazil.

Caetano (à parte). — Ah! seu migo!... que fez, seu migo!

General. — Mas como foi que José Machado se tornou seu
credor.... porque já sei que o senhor lhe devia 1:500\$000, e como
pôde a letra falsa ir parar-lhe ás mãos?

Julio. — Esse homem, que na ausencia do patrão representava
o chefe da casa, e que se dizia meu amigo, não cessava de fazer-
me repetidos offerecimentos. Fallava muitas vezes dos seus haveres,
concluindo sempre pelo inumero desejo de me auxiliar em qual-
quer tentativa commercial. Ah! que mal então dos seus calculos
infames. Um dia, antes do vencimento, chamou-me ao escriptorio,
e em segredo, disse-me: o Sr. Julio, acabo de saber que uma letra
de 1:500\$000 fôr descontada pelo senhor no Banco do Brazil. Essa
letra, em que figura a firma do patrão, não consta da cadorna diaria,

que só corre pelas minhas mãos; é portanto falsa, e foi o senhor quem a falsificou! Se o patrão o sabe está irremediavelmente perdido. »
 Envergonhada... afflicto, chorando lagrimas de desespero, quiz levar ao fim o meu designio pondo termo a uma existencia que se me tornava insupportavel! Elle porém, sustendo-me o braço, accrescentou: o que quer fazer! lembre-se do sua irmã!... Tudo se pôde ainda remediar se quizer aceitar a minha intervenção. A letra será paga amanhã e o patrão nada saberá, nem mesmo os empregados do Banco, porque indos a suppõem verdadeira. Empestar-lhe-lhei essa quantia, com a condição porém de.... »

General. — Com a condição de?

Julio. — Ah! General, poupe-me a esta ultima vergonha.

General. — Eu concluo: com a condição de o senhor lhe hypothecar o escravo Caetano, não é verdade?

Caetano. — (à parte). — Que! sou moço mi... (Quer acalhar, não pôde e encosta-se á umbreira como para não cair.)

Julio. — Que! pois V. Ex. já sabe!...

General. — Sei tudo; depois lhe direi como. Continue.

Julio. — Sim, Sr. General, foi essa a condição expressa, sem a qual, accrescentou, nada poderia esperar della!... Recusei!... Disse-lhe que estava prompto a trabalhar de qualquer modo para lhe pagar aquella impertancia... respondeu que não!... A situação era desesperada; só a morte me poderia salvar da vergonha!... pois bem... Susteve-me ainda o braço recordando-me o abandono de minha irmã... cedi!... Na dia seguinte assignei a escriptura!...

Caetano (à parte). — Ah! seu moço!...

General. — Mas a letra? Uma vez que foi por elle paga porque a não reclamou? pois não sabia que podia compromettel-o?

Julio. — Sabia e reclamei-a, porém elle acendendo um phosforo queimou um papel, dizendo-me: decaíse, ninguém saberá do nosso segredo! Era uma traição infame que só pude comprehender depois que tovo lugar a scena passada em casa de vossa excellencia. A letra queimada era uma outra em branco!

General. — Entendo agora! O tratante, que desde muito calculava a deshonra de sua irmã, não esqueceu nenhum meio para o bom exito da empreza. Sustendo-lhe o braço suicida, entendeu que evitava assim um embarço, porque depois não era facil levar ao recolhimento as propostas da infamia! Os tratantes têm a sua diplomacia. Convinha-lhe portanto tel-os seguros por todos os

Indos, isto é, se lhe falhassem os meios brandos ter á sua disposição armas invencíveis, que lhe assôgurassem a victoria! Trrante!

Julio. — Compreendi-o só depois, quando não havia remédio. Isto é a verdade, General! Agora condemnno-mo; me-reço o castigo e resigno-me a soffrê-lo.

General. — Muito bem, Sr. Julio, Agradeço a franqueza da sua confissão, que veio talvez atenuar a sua culpa, que classifico siha de uma leviandade da mocidade inespera! O que realmente lastimo é que o senhor commettosse a negra ingratidão de hypothecar o pobre velho.... o amigo de seu pai.... o protector da sua infancia!... Olho, Sr. Julio.... ainda assim, perdoava-lhe de todo o coração se dependesse só de mim a sua reabilitação; mas se o mundo o não vê com os olhos da minha consciencia, poderá e quererá perdoar-lhe? (Pausa) Fez mal.... muito mal, porque o pobre Caelano não os ama.... adora-os!...

Julio. — Perdão, General!...

General. — A elle é que o deve pedir!... foi o mais offendido!... mas contadinho.... elle perdôa tudo, creio. Por mim, espero ainda a sua reabilitação em satisfação ao mundo, que é sempre inexoravel em fulminar o culpado. (Mudando de tom) Ora pois; o mal está feito e agora tratamos de remediar o que pudermos. Não sabe que as gentilezas do Sr. Commoçador José Machado Rôdrigues não ficaram no facto facto em minha casa?

Julio. — Não, Sr. General, com a minha deença, depois dessa noite nada mais sei.

General. — Pois saiba que esse senhor, vendo frustrados os primeiros planos; já que não conseguiu desvirtuar sua irmã, por em pratica os ultimos recursos para se vingar!

Julio. — Alguma nova infamia!

General. — Acaba de tirar um mandado de penhora contra o senhor, firmado em uma letra vencida que o senhor lhe passara pelo valor da hypotheca.

Julio (d' parte). — Eis-ahi porque tanto lustou para que eu lhe assignasse aquella letra! (alto) Pois quererá levar a crueldade ao ponto de....

General. — Não é só isso. Como sabe da muita amizade que os liga ao Caelano, todo o seu fito é levar-lhe em pagamento da divida para vingor não sei que resentimentos,

Caetano (à parte). — Querí mi levá p'lu p'ngamento di divida!...

Julio. — Levá-ros Caetano! (*afflicto*) Oh! meu Deos, meu Deos, o que fui eu fazer!...

General. — Contou-m'o um pobre homem, morador no mesmo prédio que eu habito, o que me é inteiramente dedicado, e a quem o tal Sr. Machado quiz arrastar consigo associando-o aos seus crimes. Fui indagar e é certo. A perhoia será executada hoje mesmo.

Julio. — Mas esse homem jurou a nessa perdição!

General. — Vá ouvindo. O mesmo sujeito, chefe de uma familia numerosa, tendo-se encarregado, talvez movido pela necessidade, de uma commissão que mais tarde o levaria ao degredo, e vendo esta manhá a casa cercada por agentes de policia, cerro afflicto a uma janella que deita para o terraco onde eu estava e atira-me aos pés um embrulho, exclamando: « pelo amor de meus filhos, solve-me! » Abri-o e vi que continha alguns papeis e uns maços de notas, que, em vista dos boatos que corriam e da presença da policia, comprehendi serem falsas. Tive dô d'aquella afflicção e sobretudo da familia. Queimei immediatamente as notas e reservei apenas este achado precioso. É uma carta que lho fôra dirigida nos seguintes termos: (*tonto*) « Sr. Francisco Dias, previno-o muito á pressa do que a policia anda em grandes pesquisas e acautèle-se. Se ainda conserva algumas notas da remessa que lho fiz, ponha-as a salvo em lugar seguro. Se formos descobertos estamos perdidos! (*Assignado*) José Machado Rodrigues. » Já vê que aquelle virtuoso cavalheiro não passa de um moedeiro falso!

Caetano (à parte). — Moedero fãtico! Qui blanco veico!

Julio. — E ahí tem V. Ex. o homem que me accusou!

General. — Guardei esta carta porque entendi que nos podia servir, não para denunciá-lo, mas para o dater por alguns momentos. É forçoso pagar-lhe para que elle não possa levar avante o seu intento. Pela minha parte, Sr. Julio, nunca em minha vida senti como hoje o não ter essa quantia á minha disposição. Tenho, porém, alguns amigos e vou occupá-os pela primeira vez! Aqui tem (*dando-lhe a carta*); se elle vier antes que eu volte entretonha-o com este bonito... leia-lh'a, mas de longa, tome cuidado. (*lecturando-se*) O tempo urge. Faça o que eu lho digo o o resto fica por minha conta. Até já. (*Vai-se*).

Julio. — E de que me servirá esta carta! Poderói pagar-lhe

com ella o dinheiro que lhe devo? de certo que não! Masim será o que Deus quizer! Se mo estão reservados maiores tormentos, tudo é justo porque tudo mereço! (Faz-se para a direita.)

SCENA VII

CAETANO, só.

(Desde que Julio desaparece a orchestra executa uma harmonia. Caetano desce a scena, muito triste, vai até á porta, por onde Julio sahio, para e depois de longo silencio:)

Ingrato!... ingrato, qui hypothecou sua vóio amigo! Paciência!... paciência!... (ao retirar-se da porta dá com os olhos no retrato que está na parede e dirige-se a elle suffocado em pranto:) Oh! meu sinhô!... meu sinhô?... Tu não fazias como tua filha, não, meu sinhô? qui mi impediou p'la divida di fogo!... Oia, meu sinhô... Caetano quiz fazê o qui prometteu?... trambaiou... trambaiou muito, mas agora nó poci cumpri sua palarrat! Esse dinheiro qui ha tanto tempo s'tá juntando vinten p'la vintem p'la doti di casamêto de tua fia, vai serivi p'la pagá a blanco máu qui mi queri levá p'la longe d'ella!... (Ajusthando diante do retrato) Perdô... perdô, meu sinhô, an teu escravo!... (Levanta-se, e tira a bolsa que traz ao pescoço.) Dinheiro di tantos annos de trambaiou!... Paciência... trambaiou... trambaiou ainda, Caetano! (Vai a sair pelo fundo e pára oucindo José Machado.)

SCENA VIII

CAETANO E JOSÉ MACHADO.

Machado (ainda dentro). — Esperem ahí até segunda ordem.

Caetano. — Ahí vem moedôro fálho!... agora é qui coisa rebenta!...

Machado (á porta do fundo). — O Sr. Julio de Mendouça?

Caetano (accentuando as palavras). — Está sim sinhô. Blanco quer alguma coisa a meu senhor?

Machado (com mão modo). — Preciso fallar-lhe e já.

Caetano (o mesmo que actua). — Elle já vem; fazim favor de esperar. (á parte) Vou chamar seu moço a depois fico esperando.

o qui si passa! (Saíndo e olhando de esquelha para Machado.)
Blanco veiaço!... (Vol-se.)

Machado. — Desafiou-me, Sr. Julio de Mendonça!... vai ver quanto lhe custa o arrojo!... E tu tambem, negret! (rindo) meu tigre d'Africa!... Veremos se tens garras que me disputem a preza!... Bu bem disse que te havias de arrender d'aquellas atacacas!... Vais ser propriedade minha, e tanto tu como teu senhor vão agora como é perigoso a lucta contra homens como ou!

SCENA IX

NACHADO, JULIO e CAETANO.

Julio (ao entrar encara com Machado, pára e fica algum tempo silencioso). — O senhor quer alguma coisa d'esta casa!

Machado. — Vou dizer-lhe em duas palavras o negocio que aqui me traz.

Caetano (á parte). — Agora tambem vai ararjar mia uengugo. (Sae pelo fundo.)

Julio. — Queira dizer.

Machado. — Sou-lhe credor da quantia de 1:500\$000 que lhe emprestei no dia 29 de Junho de 1854, ha dois annos e tres mezes, pela qual o senhor me passou hypotheca de divida publica sobre o seu escravo Caetano. Venho portanto receber esse dinheiro já, ou faço executar o mandado de pouhora pelos officiaes de justiça que esperam as minhas ordens.

Julio. — Sr. José Machado (com colera concentrada) a ultima vez que nos vimos chamei-lhe faccio!... neste momento porfim não achando palavra que possa devidamente classificar-o, que quer que lhe diga?... que é um homem de bem?

Machado. — Pelo menos considero-me como tal, e se o Sr. Julio de Mendonça o diz por frente, respondendo que um homem honrado como eu não receia os epigrammas de um....

Julio. — Diga....

Machado. — De um falsificador de firmas!

Julio. — É o senhor que me insulta com esse epitheto!... Tum razão.... um homem como o Sr. José Machado não receia o epigrammas de um falsificador de firmas!... Mas o meu crime fo filho de uma levandade dos dezoto annos, e tem-me custado as

Tempo!
1856

mais amargas torturas, os mais doridos remorsos! Tenho expiado com a vergonha e o arrependimento as consequências do meu primeiro erro! E o homem que não só falsifica firmas, mas prepara o calcyla com a felice do marmore e ruina do tanto cidadão honrado, a miseria de tanta família honesta; que habita ricos palacios e passa a um sumptuosas carruagens, tudo adquirida á custa do suor do povo, pela fraude e pelo roubo de uma nação... (Caetano observa ao fundo.)

Machado (á parte, assustado). — Que! saberá elle!... (alto) Quo diz Sr. Julio!

Julio. — Que esse a quem tem enxovallado atirando-lhe á cara os insultos mais grosseiros, sabe das suas gentilezas e tem provas que o podem levar á ilha de Fernando.

Machado (sôra de si). — Mentel!

Julio (friamente). — Essa expressão só é propria do Sr. Machado! Fallo a verdade, aqui tem a prova. (Tira a carta que lê afastando-se um pouco.) « Sr. Francisco Dias, previno-o muito á pressa que a policia anda em grandes pesquisas! acatele-se!

Machado (á parte). — A minha carta!... estou perdido! (Alto) Sr. Julio, entregue-me esta carta!...

Julio. — Esta carta não me pertence.

Machado (desesperado). — A sua divida por essa carta, Sr. Julio!

Julio. — Já lhe disse que não me pertence.

Machado. — Ah! veremos se m'a entrega ou não!... (Tira um revolver da algibeira e quer avançar, ao tempo que Caetano, que tem observado a scena, vem por tras, agarra-lhe os braços, tira-lhe o revolver, passa ao meio e aponta-lh'o ao peito.)

Caetano. — Alô lá meu blanco! (Machado recia.)

Julio (friamente). — Ah! está o que o senhor queria! que um escravo ouse testemunhar a sua infamia!

Machado (querendo avançar para Caetano). — Mas esta negrit...

Caetano (sempre apontando). — Blanco toma sentido!... Oia qui si eu toca esse clarinete vou sumir a dança quadrão de lanceiro!

Machado (desanimado, á parte). — Maldito!...

Julio. — Desconco, Sr. Machado, que não irei denunciá-lo. (Rasga a carta.)

Machado (á parte, manifestando alegria). — Ah! estou salvo!...

Caetano. — Então, sou blanco! ou loim disse a vossunhê que Caetano é d'África e lá é terra di tigre! Nô quiz acillitar...

Machado (*à parte, concentrado*). — Tu m'o pagarás!...

Caetano (*retirando o revoleer*). — Agora eu pidén palavra, seu m'ço, neugôgo é comigo.

Julio. — Quo queres fazer?

Caetano. — Eu cá sabo o que ha de fazer; seu m'ço me dá licença?

Julio. — Sem, fazo o que quizeres.

Caetano. — Muito obrigado. Agora seu m'ço, toma esse pistola e abre o oia c'o elle qui é venço!

Machado (*à parte*). — E não poder sahir d'aqui!

Caetano (*tirando do bolso um embrulho de notas e dinheiro em ouro*). — Aqui tem, branco; meu sinhô fiz di conta justa c'o vossumcê. (*Machado recebe o dinheiro que passa a examinar.*)

Julio. — Pois tu sabias?...

Caetano (*batro*). — Pá Caetano onvio tudo, seu m'ço!

Julio. — Mas que dinheiro é esse?!

Caetano (*commovido*). — Socrega, seu m'ço. Esse é dinhêro de sicraro, ganho á força di muito trabalo, meu sinhô?!... Ha diseto anno que eu guaráa vinten hoje, vinten antanhã, p'la cumprir palavra que dou a sua pai quando elle moreu, d'o aranjir um dote p'lo casamento di sinházinha! Si pai Caetano n'ó cupro o que prometteu, é porque esse branco... (*Vinda Machado que evita em examinar as notas.*) Póde contar qui ahí n'ó ha nota falsa!...

Julio. — Ah! Caetano, quanto fui fagrato para contigo!... Perd'as-me?... (*Laura apparece á porta da direita.*)

Caetano (*a meia voz*). — Cala a boca, seu m'ço! Oia qui sinhá está sicutando o ella n'ó sabe di coisa como fui!

Machado (*acabando de examinar*). — O capital está certo; falta porém o juro incluído no mandado, que monta a trezentos e tantos mil réis! Ou todo o meu dinheiro, ou.... (*Faz menção de querer chamar os officiaes de justiça.*)

Caetano. — Espera.... espera, meu branco (*tira o medalhão que tras ao peçoço. Harmonia na orchestra.*) Seu m'ço.... Seu pai quando moreu, mi entregou esse retrato cravado di brianto p'la eu dá a sinházinha no dia qui ella fosse a sigreja recobe sua marido.... (*Mostrando o retrato com effusão.*) Perd'as.... perd'as ao v'cio Africano, meu sinhô!... (*Depois de estreitar ainda o retrato contra o coração.*) Toma, meu branco.... é dinhêro de juro.... (*Cai sobre uma cadeira.*)

medalhas

Julio (arrancando o melalhão das mãos de Machado). — O retrato do meu pai!... nunca!

Machado. — Nesse caso mando entrar os officiaes para...

SCENA 2

Os MESMOS. GENERAL, ADRIANO, TRINDADE e DOIS OFFICIAES DE POLICIA. LAURA entra da direita.

General. — Para te conduzir á cadeia, introduzitor de notas falsas. (a Trindade.) Alli está o meliante que procura!

Trindade. — Sr. Commandador José Machado Rodrigues, á ordem do Chefe de Policia está preso!

Machado. — Porquo, senhor?!

Trindade. — Acabo neste momento do dar busca em sua casa e foi encontrada uma grande quantidade de notas falsas!

Machado (sucumbido). — Ah! agora sim, estou perdido!

Caetano. — Bem feito!

Trindade. — Queira acompanhar-me.

General. — Um momento ainda. Agora que o Sr. Machado vai fazer uma longa viagem, é justo que reuna todos os fundos para as despesas do caminho. Do parto do Sr. Carvalhos de Azevedo, que pela declaração que fez, de ser verdadeira a sua firma, se constituiu seu devedor... (tirando dinheiro da algibeira) venho restituir-lhe a importância por que se obrigara o Sr. Julio de Mendonça.

Machado. — Já estou pago, senhor. (Vai-se acompanhado por Trindade e os officiaes.)

Caetano (á porta do fundo). — Sr. Machado!... si lá precisar de mercuro, Caetano cá está.

Laura. — Mas Caetano, o que significa tudo isto?

Caetano. — Foi comedia qui nós ostevemos a ensaia, sinhá.

General. — Elle disse que estava pago! Quem pagou então?

Julio (designando Caetano). — Olho!...

General. — Foste tu!... (entusiasmado) Dá cá a tua mão, negrot... Aperta a mão do General Sarciva que tem orgulho da sua honra... mas com trezentos quadrados!... tu és tão honrado como eu!... (Aperta-lhe a mão; para Julio a meia voz:) Aqui tem, Sr. Julio, um modelo de honra e abnegação... estudo-o... e imito-o.

Julio (muito comovido). — Dá-me um abraço, Caetano, a pedras-mul! Só com gratidão te poderei pagar o bem que me tens feito!

Caetano (ainda abraçado). — Obrigado... muito obrigado, meu senhor!... É o primeiro abraço de branco que o pobre escravo recebe; mudando de tom.) Está pago!... está pago de tudo!...

Julio. — De hoje em diante não serás o escravo humilde, mas sim o amigo licito. A tua carta de liberdade será o primeiro signal da minha gratidão!

Caetano. — Oh! não, não, meu sinhô?... abraço ea acêta, mas carta, não!...

General. — Com mil encorajados!... Pois retomas a tua liberdade!...

Caetano. — Sim, meu sinhô... Pai Caetano está velho... está já muito cansado, e quer morrer junto de mimhos que elle mesmo criou!...

Julio. — Fica-te pois junto d'ella, e lembrem-se por cá de mim algumas vezes.

General. — Vai partir!

Julio. — Sim, General. A consciencia não me deixaria viver tranquillo na mesma terra aonde indoei a memoria de meu pai. Preciso rehabilitar-me aos olhos do mundo que fulmina a culpa sem investigar a causa. Não tenho que fazer aqui. Visto que minha irmã encontrou o seu legitimo protector, posso sem recuo arriscar a vida, para reivindicar a honra que perdi. A patria, em lueta com o inimigo, chama ao campo seus filhos nas fronteiras do Paraguay. Vou alistar-me, e juro que hei de voltar de lá honrado por feitos que me ennobrecam, ou morrerei ignorado com o romance no coração.

General. — Muito bem, Sr. Julio. (estendendo-lhe a mão) O campo de batalha é tambem o vasto campo da honra! Vá... combata pela dignidade e independencia do seu paiz... Nossa reccia por sua irmã; a esposa do meu filho será tambem minha filha.

Julio. — Obrigado, General. (Este dialogo é dito de modo que Laura e Adriano não possam ouvir.)

Caetano. — E pai Caetano, meu sinhô, nõ fica junto de sua filha?

General. — Farás parte da minha familia. Estás velho e precisas descansar de tantos annos de trabalho e fadiga. Não é isto o que desejas?

Castano. — Não, meu sinhô....

General. — Não! que queres então?...

Castano. — Quer continuá a vendê vassoura, meu sinhô.
(Apregha como no primeiro acto.)

~~ACTO PRIMEIRO~~